



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**ABORDAGENS DAS REVISTAS *VEJA* E *CARTACAPITAL* SOBRE AS
MANIFESTAÇÕES DO DIA 8 DE JANEIRO DE 2023**

ALUNA: MILENA CASTRO DE ARAUJO

ORIENTADORA: RAFIZA LUZIANI VARÃO RIBEIRO
CARVALHO

BRASÍLIA/DF
2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MILENA CASTRO DE ARAUJO

ABORDAGENS DAS REVISTAS *VEJA* E *CARTACAPITAL* SOBRE AS
MANIFESTAÇÕES DO 8 DE JANEIRO DE 2023

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho.

MILENA CASTRO DE ARAUJO

**ABORDAGENS DAS REVISTAS *VEJA* E *CARTACAPITAL* SOBRE AS
MANIFESTAÇÕES DO 8 DE JANEIRO**

BRASÍLIA, 20 DE DEZEMBRO DE 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Examinadora 1: Prof^a. Dr^a. Suzana Guedes Cardoso

Examinador 2: Prof. Dr. David Renault da Silva

Suplente: Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

AGRADECIMENTO

Apesar de ter adiado essa etapa por quatro semestres, eu não imaginava que seria tão difícil escrever um trabalho de conclusão de curso. A minha sorte foi ter a Rafiza como orientadora. Ela me deu a dose certa de incentivo, apoio e, principalmente, paciência. Obrigada por aceitar a missão, professora!

Também sou grata à professora Suzana e aos professores David e Paniago por fazerem parte da minha banca. Independente da nota, serei beneficiada pelos comentários e correções durante a defesa.

Aos meus pais, irmãos e parentes, agradeço pela criação e pelo suporte que me ajudaram a conquistar uma vaga na Universidade de Brasília (UnB). As mulheres da minha vida, em especial minhas avós Caçula e Luzia (*in memoriam*), e a Gisele, peço desculpas por não ter um repertório vasto o suficiente para expressar o meu carinho e minha sincera admiração.

Para os meus companheiros de vida, Bela e Gustavo, dedico toda a gratidão que existe em mim. Os meus momentos mais alegres – e os mais tristes também – foram ao lado de vocês. Cada dia que passamos juntos é uma memória importante. Se em algum momento os caminhos tiverem direções diferentes, permanecerá com o mesmo sentimento de gratidão. Digo isso com tanta certeza porque tenho consciência de que nunca me senti tão completa na minha vida.

RESUMO

Em 8 de janeiro de 2023, centenas de pessoas, que se autointitulavam patriotas, invadiram e depredaram os prédios dos Três Poderes, em Brasília. Quem não estava na Esplanada dos Ministérios acompanhou as ações dos manifestantes pelos jornais, incluindo o recém-empossado presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, que cumpria agenda no interior de São Paulo no momento dos ataques. Tendo em vista a relevância deste evento para a história brasileira e a importância desse registro nos meios de comunicação, esta pesquisa analisa como as revistas *Veja* e *CartaCapital* abordaram o acontecimento em suas publicações ao longo de 16 semanas, entre os meses de janeiro e maio. Buscou-se identificar as principais narrativas adotadas por estes veículos durante a cobertura, além de contabilizar a quantidade de reportagens veiculadas. A pesquisa usou como método a análise de conteúdo, tendo como base as técnicas definidas pela autora francesa Laurence Bardin. Após seleção do material, a análise limitou-se a 18 reportagens, sendo dez da *Veja* e oito da *CartaCapital*. Na investigação, foi constatado que a maioria das matérias abordavam as consequências e as respostas das autoridades ao evento. Outro assunto recorrente foi o papel do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro na disseminação do discurso antidemocrático e na escalada de tensões que resultaram nas destruições registradas no início do ano. O estudo mostrou que as revistas analisadas usaram palavras como “vândalos” e “golpistas” para nomear os envolvidos nas depredações. Também foi registrado o uso de expressões como “tsunami da barbárie” e “ato bolsonarista” para se definir o que aconteceu naquele domingo. Tais destaques são importantes porque evidenciam o tom adotado pelos veículos que, no caso desta cobertura, foi de repúdio.

Palavras-chave: Manifestação Bolsonarista; Atos Golpistas; Jornalismo de Revista; Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

In 8th January 2023, hundreds of citizens self-entitled as patriots invaded and preyed upon the Congress, Senate, and Supreme Court buildings in Brasilia. Authorities that were not in the city while the protest happened were informed by the press coverage about the events, including the newly sworn in president Luis Inácio Lula da Silva, who was on an official agenda in the state of São Paulo. Given the importance of this chapter to Brazilian history and the importance of this record to all communication media, this research analyzes the press coverage of *Veja* and *CartaCapital* magazines over these events, throughout the 16 weeks between January and May. The objective was to identify what were the narratives utilized by such news magazines, and to quantify the total number of articles produced related to the protest. This research used as a method the content analysis, based on the techniques defined by the author Laurence Bardin. The analysis was scoped down to 18 articles within the corpus - with 10 of them from *Veja*, and 8 of them from *Carta Capital*. It was stated that the majority of them approached the consequences and responses to the event. Another recurrent subject was the approach of the event with a focus on the anti-democratic speech, where the former president Jair Messias Bolsonaro played in creating the needed conditions to allow military-organized protests to take place their main theme. This study showed that both magazines chose to name the participants of the event as “vandalos” (vandals) and “golpistas” (authors of a coup-d’état). It was also noticed the characterization of the event by the use of expressions such as “tsunami de barbárie” (barbarism tsunami) and “ato bolsonarista” (an act supported by a given political ideology in Brazil, bolsonarismo). These highlights are important because they show the tone adopted by the magazines, which in this case was of repudiation.

Keywords: Pro-Bolsonaro Protests; Pro-coup-d’état Protests; Journalism in Magazine; Content Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras e expressões adotadas pelas revistas para referenciar os atos bolsonaristas de janeiro de 2023

Figura 2 – Nuvem de palavras usadas para nomear os envolvidos nos ataques aos prédios dos Três Poderes, em Brasília, no início de 2023

Figura 3 – Edição 2824 da *Veja*

Figura 4 – Declaração do deputado Eduardo Bolsonaro sobre as manifestações de janeiro de 2023

Figura 5 – Trechos de como foram as mobilizações para reunir bolsonarista que estariam presentes nos atos de janeiro

Figura 6 – Perfis das pessoas que participaram da manifestação bolsonarista

Figura 7 – Edição 2825 da *Veja*

Figura 8 – Mensagens sobre a logística de policiamento no Planalto do Planalto

Figura 9 – Edição 2838 da *Veja*

Figura 10 – Edição 1242 da *CartaCapital*

Figura 11 – Trecho no qual o presidente Lula fala sobre os ataques de janeiro e a responsabilidade dos militares

Figura 12 – Imagem de um apoiador do ex-presidente Bolsonaro durante os ataques ao STF

Figura 13 – Edição 1243 da *CartaCapital*

Figura 14 – Edição 1247 da *CartaCapital*

Figura 15 – Edição 1257 da *CartaCapital*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Organização do corpus da pesquisa

Tabela 2 – Classificação das reportagens por eixos temáticos

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Academia Militar das Agulhas Negras (Aman)

Advocacia-geral da União (AGU)

Agência Brasileira de Inteligência (Abin)

Agência Nacional do Petróleo (ANP)

Análise de conteúdo (AC)

Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner)

Associação Nacional de Jornais (ANJ)

Batalhão da Guarda Presidencial (BGP)

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap)

Centro Integrado de Comando e Controle (CICC)

Comissão Nacional da Verdade (CNV)

Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI)

Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp)

Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade)

Eixos temáticos (ET)

Folha de São Paulo (FSP)

Gabinete de Segurança Institucional (GSI).

Instituto Verificador de Comunicação (IVC)

Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec)

Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP)

Ministério Público Federal (MPF)

Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST)

Movimento Sem Terra (MST)

Organizações não governamentais (ONGs)

Partido dos Trabalhadores (PT)

Partido Liberal (PL)

Partido Progressistas (PP)

Partido Socialismo e Liberdade (Psol)

Polícia Federal (PF)

Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF),

Procuradoria-Geral da República (PGR)

Proposta de Emenda à Constituição (PEC)

Quartel-General (QG)

Rede Sustentabilidade (Rede)

Rio de Janeiro (RJ)

Segurança Pública do Distrito Federal (SSPDF)

Superior Tribunal Militar (STM)

Supremo Tribunal Federal (STF)

Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

União Nacional dos Estudantes (UNE)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. BOLSONARO E SEUS DISCÍPULOS	15
2.1 Origem do “mito”	15
2.2 Bolsonarismo	17
2.3 38º presidente do Brasil	18
2.4 Manifestações com discurso antidemocrático	19
3. REVISTA	24
3.1 Valor-notícia.....	24
3.2 Principais características.....	26
3.3 Reportagem.....	27
3.4 “Meta-acontecimento”	28
3.5 Jornalismo interpretativo x linha editorial.....	29
3.6 <i>Veja</i> e <i>CartaCapital</i>	31
4. MÉTODO	33
4.1 Análise de conteúdo.....	33
4.2 Aplicação da AC na pesquisa	33
4.2.1 Análise descritiva	35
5. ANÁLISE.....	36
5.1 Análise descritiva	39
5.1.1 <i>Veja</i>	39
5.1.1.1 – Capa: Vândalos. Criminosos. Terroristas. Golpistas	39
5.1.1.1.1 – Brasília, 8 de janeiro de 2023	40
5.1.1.1.2 – Caça aos culpados.....	41
5.1.1.1.3 – O sujeito oculto.....	42
5.1.1.1.4 – Por trás da baderna	44
5.1.1.1.5 – Terrorismo nas redes	44
5.1.1.1.6 – Criminosos em ação.....	46
5.1.1.1.7 – Alvos controversos	47
5.1.1.2 – Capa: Omissão e negligência.....	48
5.1.1.2.1 – A sombra da cumplicidade	49
5.1.1.3 – Capa: O golpe no banco dos réus	51
5.1.1.3.1 – O golpe passado a limpo.....	52
5.1.1.4 – O dia que ainda não acabou	53
5.1.2 <i>CartaCapital</i>	54
5.1.2.1 – Capa: Vítima de si mesmo.....	54
5.1.2.1.1 O dia seguinte	55
5.1.2.1.2 – A crise também é estética	56
5.1.2.1.3 – Pela culatra	58
5.1.2.1.4 – Sem anistia, nem trégua.....	58

5.1.2.1.5 – Mitômanos em pânico	59
5.1.2.2 – Capa: Freio ao golpismo?	60
5.1.2.2.1 – Omissões e conspiradores	61
5.2.3.3 - Capa: Faísca	62
5.2.3.3.1 - O cerco se fecha	63
5.2.3.4 - Capa: Brasil profundo	64
5.2.3.4.1 - A céu aberto	65
5.2 Eixos temáticos.....	66
5.2.1 – Eixo temático 1: Relação entre Bolsonaro, militantes e atos antidemocráticos	67
5.2.2 – Eixo temático 2: Atuação do governo distrital	68
5.2.3 – Eixo temático 3: Papel dos militares	69
5.2.4 – Eixo temático 4: Danos.....	70
5.2.5 – Eixo temático 5: Fortalecimento da gestão Lula	70
5.2.6 – Eixo temático 6: Consequências e resposta aos ataques.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
ANEXOS	87
Anexo A – Capa do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> da edição de 9 de janeiro de 2023.....	87
Anexo B – Capas da <i>Veja</i> no período de 16 semanas	88
Anexo C – Edições da <i>Veja</i> selecionadas para análise	88
Anexo D – Capas da <i>CartaCapital</i> no período de 16 semanas	89
Anexo E – Edições da <i>CartaCapital</i> selecionadas para análise	89

1. INTRODUÇÃO

Cerca de 4 mil pessoas, muitas delas vestidas de verde e amarelo, ocuparam a Esplanada dos Ministérios, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023 – uma semana após a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O grupo, formado por apoiadores do ex-chefe de Estado Jair Messias Bolsonaro, era contra o governo eleito.

A multidão, que minutos antes havia sido escoltada pela Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), derrubou, às 15h, a contenção que impedia o acesso ao Congresso Nacional, e avançou rumo aos prédios dos três poderes.

O que aconteceu em seguida foi a depredação do patrimônio público. Câmara dos Deputados, Senado, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal (STF) são as principais vítimas. Um prejuízo estimado em milhões de reais (Camazano, 2023).

A imprensa fez a cobertura dos ataques em tempo real. Fotos, vídeos e transmissões ao vivo nas redes sociais – feitos pelos envolvidos –, foram usados para mostrar a cena caótica, além de relatos de jornalistas próximos do local.

Parte da mídia decidiu usar palavras como “terroristas”, “ato golpista” e “criminosos” para falar do acontecimento. No entanto, houve um veículo que manteve expressões como “povo brasileiro” e “pessoas cristãs”. Esse foi o caso da *Jovem Pan News* (Ferraretto *et al.*, 2023, p. 15).

Mesmo após a situação ser controlada, a balbúrdia e suas consequências seguiu presente na mídia por um tempo, seja estampando as capas, seja em reportagens. Isso porque, apesar dos manifestantes se autointitularem patriotas, eles atacaram as instituições que são a base da democracia brasileira, destruíram o patrimônio público e ainda pediram uma intervenção militar (como ocorreu no golpe de 1964).

Oito meses depois, a Procuradoria-Geral da República (PGR) contabilizava 1.390 pessoas denunciadas ao STF pelos ataques (*Congresso em foco*, 2023). Para parte desse grupo, a Corte autorizou a realização de acordos de não persecução penal – uma penalidade mais branda voltada às infrações com menos de quatro anos de reclusão. Caso escolha essa medida, o réu é obrigado a cumprir algumas determinações legais, como pagar multa, prestar serviço comunitário e participar de um curso (Ministério Público Federal, 2023).

Já os acusados de crimes graves serão julgados um a um pelos ministros do Supremo. O primeiro condenado foi Aécio Lúcio Costa Pereira. Ele recebeu uma pena de 17 anos de prisão por tentativa de golpe de Estado, associação criminosa e mais três delitos (Vivas; Rodrigues, 2023). Outros processos ainda estavam em fase de análise durante a produção deste trabalho.

Em entrevista ao *podcast* “O Assunto”, do *g1*, o historiador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Francisco Carlos Teixeira da Silva, disse que as condenações dadas pelo STF têm “acima de tudo, um papel pedagógico”, pois mostram que “atentados contra o Estado de direito não serão tolerados, como no pesado passado brasileiro” – em referência a Lei da Anistia que perdoou os crimes dos militares envolvidos na ditadura brasileira (Nery, 2023).

Pensando na relevância dos atos de 8 de janeiro de 2023 para a história recente do país e a importância desse registro nos meios de comunicação, este trabalho busca entender como a manifestação foi abordada pelas revistas que fazem a cobertura política em Brasília. Com esse foco, a pesquisa pretende identificar as principais narrativas usadas e quantificar a produção de matérias relacionadas ao evento do início do ano.

O *corpus* é limitado a dois veículos de circulação nacional, são eles: *Veja* e *CartaCapital*. As revistas têm em comum o fato de terem uma edição por semana, serem impressas e contar com uma trajetória que ultrapassa os 29 anos de existência. Soma-se a isso, o ponto positivo de que as publicações estão disponíveis na internet.

Para coleta e tratamento dos dados, optou-se pela análise de conteúdo como metodologia. Segundo Laurence Bardin (2016), o instrumento é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Esta pesquisa está dividida em cinco partes. A primeira aborda a evolução da extrema direita na política, o surgimento do bolsonarismo e cita exemplos de manifestações contra a democracia realizadas nos últimos quatro anos. A segunda explica o que é valor-notícia e qual a importância desse critério para a imprensa, depois reúne as principais características do jornalismo de revista e uma breve descrição dos veículos selecionados. Já a terceira é dedicada ao método escolhido e a aplicação das técnicas criadas por Laurence Bardin no contexto deste trabalho. A quarta parte traz a análise descritiva do conteúdo selecionado. Por fim, a quinta parte é voltada às considerações finais sobre a análise.

2. BOLSONARO E SEUS DISCÍPULOS

2.1 Origem do “mito”

Antes de analisar como surge e quem faz parte do “bolsonarismo” – movimento que reúne parte dos responsáveis pelos ataques registrados no dia 8 de janeiro de 2023, segundo o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Atos Golpistas da Câmara dos Deputados (Cassela *et la*, 2023) –, é preciso olhar para a figura do líder, que inclusive nomeia o grupo: Jair Messias Bolsonaro.

Como neste trabalho o objetivo não é esmiuçar a vida do político, optou-se por fazer um breve resumo de sua trajetória, com base em reportagens, livros e conteúdo sonoro. Uma das referências é o podcast Retrato Narrado (2020), apresentado pela repórter Carol Pires. Na série, a jornalista traça o perfil de Bolsonaro, desde a juventude em Eldorado (SP) até a chegada ao Palácio do Planalto. Nesta pesquisa, no entanto, iniciamos a minibiografia a partir do período dele nas Forças Armadas.

Bolsonaro entrou na carreira militar cedo, duas semanas antes de completar 18 anos. Ele se formou na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), em Resende, no Rio de Janeiro (RJ). No Exército, teve sua primeira aparição na mídia ao publicar um artigo na revista *Veja*, em 3 de setembro de 1986, onde cobrava um aumento nos salários de soldados e militares de baixa patente (Retrato Narrado, 2020). Meses depois, ele voltou às páginas, desta vez, como fonte de uma reportagem sobre um possível atentado a bomba em instalações militares. O ocorrido fez com que Bolsonaro fosse investigado e condenado em primeira instância. Todavia, o Superior Tribunal Militar (STM) reformou a sentença e ele foi inocentado. Esse momento marca o fim de sua carreira como militar da ativa (Retrato Narrado, 2020).

Surge, em 1989, o Bolsonaro versão político. Para ser eleito vereador da cidade do Rio de Janeiro, ele convergiu a atenção recebida durante o julgamento e a proximidade com os militares (Retrato Narrado, 2020). Dois anos mais tarde, ele sobe mais um degrau na carreira política e chega à Brasília, como deputado federal – cargo que manteve por sete mandatos consecutivos até que, em 2018, foi escolhido nas urnas para ser o 38º presidente do Brasil (Câmara dos Deputados, 2023).

No livro *O ovo da serpente: nova direita e bolsonarismo* (2022), a jornalista Consuelo Dieguez reúne entrevistas e informações de bastidores para mostrar como foi a campanha

presidencial do político – que inclusive começou bem antes do período eleitoral convencional. Para ela, as manifestações de 2013 têm um papel essencial para que a direita fosse às ruas e, com isso, busca-se por um protagonismo na política. A “fratura na sociedade brasileira é evidenciada nas eleições de 2014”, porém, a cisão se torna aguda no pleito seguinte, “com a polarização entre esquerda e direita” (Dieguez, 2022, p.378).

Posto isto, é importante lembrar que, nas eleições de 2014, Bolsonaro foi o candidato a deputado federal mais votado do estado do Rio de Janeiro. No ano seguinte, ele recebeu as primeiras recepções de fãs em aeroportos fora do seu reduto eleitoral (Dieguez, 2022).

Dieguez (2022) relembra que, anos antes da disputa presidencial, Bolsonaro fazia sucesso nas redes sociais, com páginas de apoio e memes próprios, o que ajudou a ganhar capilaridade no restante do país. No Facebook, por exemplo, as falas sobre o “politicamente correto” e os discursos “defendendo ações truculentas contra bandidos” eram materiais para postagens. “O público das redes bolsonaristas não via problema em certos comportamentos considerados por eles como ‘brincadeiras inocentes’” (Dieguez, 2022, p.172).

Embora fosse popular, Cervi (2022, p.115) recorda que, ao longo dos 27 anos no Congresso, “Bolsonaro foi um deputado ausente dos debates públicos”, por não ocupar cargos em mesas executivas ou comissões da Casa, nem encabeçar projetos significativos. O integrante do baixo clero¹, atuou como uma “espécie de Maverick², seguindo sua própria agenda, voltada à defesa dos interesses corporativos de policiais e militares e a bradar bazófias extremistas de direita” (Couto, 2023, p.6). Ao agir desta maneira, o político conseguiu a atenção e o apoio da população conservadora, como explica Dieguez (2022):

Pobre e ricos passaram a celebrar o sumo bolsonarista que estava contido, por exemplo, nas respostas atravessadas que ele dava aos repórteres. [...]. Nesse sentido, o personagem Bolsonabo³ ajudou o deputado a penetrar o imaginário da população como fonte de autenticidade e divertimento. Ao mesmo tempo, o Bolsonaro real acabava crescendo em popularidade cada vez mais que era desrespeitoso com um jornalista, um opositor ou uma instituição (p.190).

Antes de virar o líder de um movimento com seu nome, o político usou o Congresso como palco para polêmicas que lhe proporcionaram projeção. Em 2016, por exemplo, no

¹ Nome dado ao grupo de parlamentares cuja atuação é voltada aos interesses de suas bases eleitorais, sem se importar com pautas nacionais, exceto no caso de troca de favores.

² Personagem do filme americano *Top Gun*.

³ Personagem de uma esquete cômica do programa *Pânico na Band* da RedeTV.

juízo do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, ele dedicou sua decisão ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos torturadores da ditadura. “O voto de Bolsonaro ganhou destaque na mídia e nas redes sociais. Àquela altura, ele já estava em campanha, e por onde passava era saudado com gritos de ‘mito’” (Dieguez, 2022, p.69).

O perfil conservador em pautas de moral e de costumes é um ponto de atração entre Bolsonaro e seus eleitores, em especial os religiosos. “Sob a ótica evangélica, aqueles que defendem minorias agem na contramão dos valores cristãos, logo devem ser tratados como ‘inimigos a serem combatidos’” (Bissiati, 2022, p.9). Em um dos acenos para essa população, Bolsonaro e seus filhos foram batizados pelo pastor Everaldo Pereira no rio Jordão, em Israel, em 2016 – apesar de ser assumidamente católico. Antes deste episódio, o político já marcava presença em manifestações de líderes religiosos (Dieguez, 2022).

2.2 Bolsonarismo

Para Domenico Hur (2023, p.177), Bolsonaro era como o “líder perfeito” para uma direita conservadora existente no Brasil que atuava “destilando ódio às diferenças”. Ele era como uma figura capaz de expressar as ideias e assim criar “fronteiras imaginárias e identitárias desse movimento”. “O capitão da reserva se encaixava perfeitamente nesse perfil moralizante, conservador, violento e autoritário, sonhado por parte dos brasileiros” (Dieguez, 2022, p.68).

Ele assume o papel de “messias” cuja batalha era contra a “velha política”, “remetendo ao imaginário do combatente solitário que luta contra as tropas inimigas” e que pode, supostamente, criar uma “nova política” (Hur, 2023, p.170). Esse discurso antipolítico ganhou adeptos no Brasil, pois havia um terreno fértil de indignação por causa dos escândalos envolvendo políticos de esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores (Couto, 2023, p.5). O sentimento antipetismo – que também atinge outros partidos, como Psol e Rede – foi gestado nas Jornadas de Junho⁴ e impulsionado pela operação Lava Jato. O resultado é o colapso sobre o qual se “assentou a democracia da Nova República” (Couto, 2023, p.9).

O fato é que a superexposição da Lava Jato pelos meios de comunicação gerou uma nova onda de protestos pelo país [...]. Os que descobriram o caminho das ruas em 2013 e se identificaram com a direita, voltaram a ocupar o espaço público, mas com um discurso ainda mais raivoso. Para eles, a esquerda era responsável por todas as

⁴ Foram manifestações que ocorreram em junho de 2013, cujo pontapé inicial foi o aumento de R\$ 0,20 no preço da passagem em São Paulo. Porém, os protestos ganharam capilaridade pelo restante do país na defesa de diferentes pautas. À época, os manifestantes usavam a expressão “O gigante acordou”.

mazelas: a inflação, o desemprego, a corrupção, a desordem e a violência que matava milhares de brasileiros todos os anos. (Dieguez, 2022, p.34).

Segundo Couto (2023, p.6), a “marginalidade institucional e extremismo ideológico” deram ao Bolsonaro “aparência de *outsider*⁵, mesmo sem propriamente o ser”. Além do eleitorado atraído pelo antipetismo, parte dos votos de Bolsonaro em 2018 vieram da sua base mais fervorosa, o bolsonarismo, que Hur (2023) define como:

[...] o movimento social constituído pelos apoiadores mais efusivos de Bolsonaro, que assumem uma militância política ativa, seja no cenário público, nas ruas, nos (ex)acampamentos, ou nas redes digitais e que expressam as posições do ex-presidente de maneira radical e extrema, ou seja, que defendem a moral conservadora hegemônica, o neoliberalismo no âmbito da economia-política e práticas contundentes contra as minorias sociais (p.167).

2.3 38º presidente do Brasil

Após uma campanha marcada pela polarização e pela violência, inclusive com um atentado contra a vida do candidato da extrema direita, Jair Messias Bolsonaro é eleito presidente do Brasil com 55,5 milhões de votos. Sob a gestão do político, o país passa por um período com “inúmeras agressões contra a democracia e, mais especificamente, contra as instituições democráticas” (Karnop Vernes-Pinto, 2023, p.47).

Para Couto (2023, p.2), o *modus operandi* do político durante o mandato não foi criar políticas públicas, nem melhorar a imagem externa do Brasil, e sim usar a sua base militante – o bolsonarismo – como instrumento de apoio e projeção aos seus ataques. O autor define essa atitude como “governo-movimento” – um fenômeno no qual o governante busca “sobrepôr-se às instituições, minando-as e submetendo-as a suas próprias conveniências”.

Outra estratégia utilizada pelo político foi a ameaça como forma de barganha. Os pesquisadores Alexander Chiodi e Ana Julia Bernardi (2023) reuniram, com base em reportagens, o número de vezes que o Bolsonaro usou a barganha como ameaça no seu governo. O levantamento mostra que foram 470 movimentos no período analisado – que vai de 1ª de janeiro de 2019 a 9 de setembro de 2021. A negociação entre os poderes não é novidade na sociedade democrática, visto que há um sistema de pesos e contrapesos, mas no mandato de Bolsonaro essa “relação passou de barganha para hostilidade” (Chiodi; Bernardi, 2023, p.136).

⁵ Palavra em inglês usada para definir algum indivíduo que não pertence a um grupo específico.

De forma semelhante a outros líderes de mesmo perfil, o presidente “não atuou declaradamente para romper a estrutura institucional democrática” – que poderia fazer por meio do autogolpe ou de decreto determinando um estado de sítio (Couto, 2023). “Em vez disso, agiu de modo a estressar continuamente a estrutura”, “desgastando outros atores institucionais, convertendo-os em inimigos políticos e produzindo um processo continuado de deslegitimação” (Couto, 2023, p.10).

Assim, tornou cada vez mais alto o custo de lhe impor freios e impedir ações suas voltadas ao desrespeito da institucionalidade democrática – mesmo quando perpetradas em nome de uma suposta defesa da ordem constitucional, ou, na peculiar linguagem política bolsonaresca, dentro das “quatro linhas da Constituição” (Couto, 2023, p.10).

Karnopp e Vernes-Pinto (2023, p.48) considera que os “ataques às regras do jogo” e a proposta de “ruína das instituições mantenedoras das engrenagens democráticas” representam a “pecha antidemocrática”. Vale lembrar que a atuação do político na presidência é semelhante ao seu comportamento como deputado. Mesmo conhecendo o perfil dele, cerca de 55% da população que votou o escolheu nas urnas em 2018. Hur (2023, p,178) entende que Bolsonaro chega ao poder graças a sua capacidade de ser uma “caixa de ressonância”, sendo o “líder que estruturou e canalizou o ódio e a destrutividade brasileira”.

2.4 Manifestações com discurso antidemocrático

Desde que Bolsonaro se tornou presidente, as manifestações da extrema direita tiveram um salto de 147 registros para 1.822 em cinco anos (Noia, 2023). Os dados foram levantados pela cientista política Lilian Sendretti, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). A pesquisa contabiliza mobilizações realizadas do início de 2018 a 8 de janeiro de 2023. O estudo usou notícias da imprensa para reunir os atos nacionais e regionais. O levantamento do Cebrap traz ações organizadas e executadas pelo bolsonarismo. Um grupo, segundo Barbosa (2022, p.40), criado por estrategistas de direita para atuar no “ativismo político”, em especial nas redes sociais, onde é capaz mobilizar e realizar “atos e protestos com claro potencial fascistizante”.

Apesar de compreender a importância destes episódios para a história brasileira, neste estudo não foi possível detalhar todas as manifestações bolsonaristas ocorridas em quatro anos de governo. Por isso, optou-se por apenas citar atos que ajudaram a amplificar o discurso contra os outros poderes da República.

A primeira mobilização desse tipo foi registrada em 2019. Naquele ano, surge um movimento pouco conhecido pela sociedade: manifestações de apoio ao governo. No primeiro semestre, os bolsonaristas ocuparam as ruas para pedir “o fechamento do STF e do Congresso, vistos como empecilhos para a implementação da agenda do presidente” (Oliveira, 2019). O pedido do grupo coincidia com o período de votação, no Legislativo, do pacote anticrime⁶ e da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) a respeito da reforma da previdência – projetos apresentados pelo Executivo (Ferraz, 2019). Ambos foram aprovados no mesmo ano.

Se no ano anterior o governante já atacava os demais poderes da República, em 2020, a situação piora com o início da pandemia da Covid-19. Isso porque Bolsonaro assume uma postura contrária às medidas de prevenção à doença, que ele definiu como uma “gripezinha”. Do outro lado da Esplanada, o Supremo adota um movimento oposto e atesta a autonomia de estados e municípios para definir as próprias regras sanitárias, além de estabelecer que o Executivo Federal não pode suspender medidas de isolamento (Chiodi; Bernardi, 2023).

Em apoio ao presidente, bolsonaristas iniciaram uma série de protestos. Destaca-se entre eles, o início dos atos organizados pelos “300 do Brasil”, um grupo que usava símbolos supremacistas e neonazistas em suas manifestações. Em um dos episódios, com máscaras e tochas, eles protestaram em frente ao STF – uma retórica indumentária semelhante à adotada pelo *Ku Klux Klan*⁷. Em outro momento, explodiram fogos de artifício em torno do prédio do Supremo (Campos, 2020). Este último foi o estopim para desencadear medidas de repressão ao bando, como o fim do acampamento deles e a prisão da suposta líder, Sara Winter (Campos, 2020).

Em 2021, a defesa do voto impresso ganhou protagonismo nas ameaças de Bolsonaro. Sem provas das citadas fraudes no sistema eleitoral, o presidente manteve o discurso de que as urnas eletrônicas não eram confiáveis. (Rodrigues, 2021). Para encerrar o assunto, o Congresso votou a PEC do Voto Impresso, que foi rejeitada (Spechoto; Haubert, 2021) .

Outro ponto de tensão daquele ano envolveu o ministro Alexandre de Moraes do STF. Bolsonaro passou a direcionar falas sugestivas ao magistrado. Os ataques estavam relacionados às decisões do juiz no inquérito das milícias digitais – suposta organização criminosa que teria operado para minar o Estado democrático. Durante as investigações, foram presos políticos e empresários ligados ao então presidente (Vivas; Falcão, 2021).

⁶ É um compilado de medidas que busca endurecer a punição para alguns crimes graves, traz um novo critério para definir a legítima defesa, regras para acordos de delação premiada e a previsão de prisão imediata após condenação pelo tribunal do júri.

⁷ Organização supremacista e terrorista que surgiu nos Estados Unidos, no século XIX. Atuava na perseguição de negros, agredindo-os e assassinando-os.

Com as derrotas no campo político somadas aos problemas de crescimento da economia, Bolsonaro intensificou o discurso dúbio, cuja narrativa deixava em dúvida a ocorrência de um golpe no feriado de 7 de setembro de 2021 (Galf, 2021). Semanas antes da data, o chefe do Executivo adotou diversas atitudes para aumentar a tensão, inclusive afirmou que as Forças Armadas são um “poder moderador” capaz de garantir “apoio total às decisões do presidente para o bem da nação”. À época, o governante disse ainda: “sejam ameaças externas ou internas, nós sabemos o que é bom e o que é justo” (Gullino; Dantas, 2021).

A data chegou, todavia, nada aconteceu e as comemorações seguiram o protocolo, sem mudança no regime político. No entanto, o então presidente do STF, ministro Luiz Fux, não deixou passar batido os discursos que antecederam o dia, e foi enfático no discurso:

Ofender a honra dos ministros, incitar a população a propagar discursos de ódio contra a instituição do Supremo Tribunal Federal e incentivar o descumprimento de decisões judiciais são práticas antidemocráticas, ilícitas e intoleráveis, em respeito ao juramento constitucional que fizemos ao assumirmos uma cadeira na Corte (Fux, 2021).

No ano seguinte, a inquietude ficou por conta dos resultados das eleições. Por uma diferença de apenas 2 milhões de votos, Bolsonaro perdeu no segundo turno (Cerqueira; Moliterno, 2022). O adversário da esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, foi eleito para o seu terceiro mandato.

Mesmo após a divulgação dos dados oficiais pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o então presidente ficou calado e se isolou no Palácio do Planalto, sem admitir a derrota. A militância do candidato da direita, contudo, mais uma vez se organizou em defesa do líder. Poucas horas após o fim das apurações do segundo turno, bolsonaristas iniciaram bloqueios nas rodovias, impedindo a circulação de pessoas e mercadorias (Calgaro, 2022). Três dias depois, coube ao Bolsonaro pedir, por meio de um vídeo, para que os seus apoiadores liberassem as estradas (Behnke, 2022). Apesar disso, os protestos se mantiveram em alguns estados.

Dias depois, começam a ser montados os acampamentos bolsonaristas em frente aos quartéis e aos batalhões do Exército, que permaneceram até o início de 2023. As estruturas só foram desmontadas depois dos ataques de 8 de janeiro, e após uma decisão judicial do ministro Alexandre de Moraes que determinou a desmobilização. Antes dessa medida, Brasília tinha registrado “uma noite de terror” e um atentado a bomba – ambos organizados por apoiadores de Bolsonaro acampados na capital.

Em 12 de dezembro de 2022, no mesmo dia da diplomação do presidente eleito e de seu vice, manifestantes da extrema direita incendiaram carros e ônibus, tentaram invadir a sede da Polícia Federal (PF) e bloquearam vias com botijões de gás no Distrito Federal. As ações

ocorreram em um local próximo ao hotel onde estavam hospedados Luiz Inácio e Geraldo Alckmin. O grupo bolsonarista disse, à época, que os atos não tinham relação com o evento. Segundo eles, era uma resposta a prisão temporária do indígena José Acácio Tserere Xavante.

Na véspera do Natal, um apoiador de Bolsonaro colocou uma bomba embaixo de um caminhão de combustível próximo ao Aeroporto Internacional de Brasília. A tragédia foi evitada graças ao motorista do veículo que percebeu a presença do artefato e chamou a polícia (Falcão; Loredó, 2022). No decorrer das investigações, os policiais concluíram que as dinamites foram trazidas do Pará, de carro, e a bomba foi montada dentro do acampamento bolsonarista em frente ao Quartel-General (QG) do Exército no DF.

A atuação bolsonarista atinge o ápice no ano seguinte, uma semana após a posse do presidente Lula. Em 8 de janeiro de 2023, ocorre o evento que ficou conhecido como “Capitólio brasileiro” (Hur, 2023 p.168) – em referência ao ataque contra o parlamento americano em 2021⁸. No Brasil, os prédios do Congresso, Palácio do Planalto e STF foram depredados.

O episódio caótico começou com a chegada, em Brasília, de dezenas de ônibus transportando militantes do ex-presidente Jair Bolsonaro. Eles se juntaram aos bolsonaristas que estavam acampados em frente ao QG. Sem oposição das forças de segurança do DF, o grupo marchou rumo à Esplanada dos Ministérios. Lá, derrubou a barreira de contenção e seguiram destruindo o que havia pela frente. Os envolvidos fizeram questão de deixar registros das façanhas. Parte do grupo fez xixi e cocô nos corredores do STF. Outros postaram na internet fotos e vídeos quebrando o patrimônio público.

A ofensiva contra os atos iniciaram ainda no domingo, quando o presidente Lula decretou intervenção federal em Brasília. Uma hora depois, a polícia começou a prender os envolvidos. O então secretário de segurança do DF, Anderson Torres, que estava em outro país, foi demitido e teve sua prisão decretada. Na segunda-feira seguinte, o ministro Alexandre de Moraes também determinou o afastamento do governador do DF, Ibaneis Rocha, por 90 dias.

Ainda no domingo, no período da noite, Bolsonaro – que estava nos Estados Unidos – postou nas redes sociais uma declaração na qual dizia repudiar os atos de vandalismo. O ex-presidente comparou a destruição com os atos “praticados pela esquerda em 2013 e 2017”, em referência a outros momentos em que os prédios da Praça dos Três Poderes foram invadidos. Para manter um afastamento em relação às manifestações, Bolsonaro disse: “ao longo do meu

⁸ Capitólio é a sede do Congresso dos Estados Unidos. No início de 2021, um grupo de apoiadores do ex-presidente Donald Trump que era contrário à vitória do candidato Joe Biden, invadiram e depredaram o parlamento americano.

mandato, sempre estive dentro das quatro linhas da Constituição respeitando e defendendo as leis, a democracia, a transparência e a nossa sagrada liberdade” (Bolsonaro, 2023).

Para Couto (2023, p.10), os ataques de janeiro foram “um ato desesperado de tentar obter, numa última tentativa aquilo que não se logrou conquistar nos quatro anos anteriores”.

No mesmo sentido, Karnopp e Vernes-Pinto afirma:

Não foram raras as manifestações antidemocráticas que precederam os atos de 8 de janeiro de 2023: ocupações de espaços públicos para reivindicar o fechamento do poder judiciário (e o não cumprimento de suas decisões) e a dissolução do parlamento [...], “motociatas”, publicação de conteúdos falsos e antidemocráticos em redes sociais, entre outros. Todas essas condutas ultrapassaram os limites [...], caracterizando atos de violência extrema e de destruição das sedes dos três poderes. **Não foram meras bravatas, mas ameaças violentas ao livre exercício dos poderes constitucionais.** (2023 p.53, *grifo nosso*).

3. REVISTA

Após explorar a base do pensamento do bolsonarismo, partimos para a próxima etapa que busca entender as particularidades da revista. De acordo com Vilas Boas (1996), esse modelo fala sobre os acontecimentos do presente, bem como os jornais. Porém, ao invés do texto construído nos moldes da pirâmide invertida, a revista investe em narrativas com “pesquisa, documentação e riqueza textual”.

Vilas Boas (1996) aponta que a prática mais comum nas revistas, em especial nas publicações semanais, é a forte presença da narrativa, “privilegiando a prática da reportagem na maioria das seções”. Nesse texto, o fato noticiado ganha tom, ponto de vista e novos ângulos de abordagem, em comparação às matérias da cobertura diária.

Outra característica da revista semanal de informação é assumir mais declaradamente o papel de formadora de opinião. O texto é decorrência disso. Para tirar da informação uma conclusão implícita ou explícita é preciso raciocinar. E isto é pessoal. Assinar um texto é como assinar um cheque: a matéria também tem que ter fundo (Vilas Boas, 1996, p.34).

Ao longo deste capítulo, serão revisados os principais temas envoltos no universo da revista, como sua origem, as diferenças com o jornal impresso, linha editorial e a presença da reportagem e do texto interpretativo.

Antes, no entanto, vamos dedicar um espaço para registrar como foram as coberturas da manifestação ocorrida no início deste ano. A partir disso, definir o que é valor-notícia. Esse termo, próprio do jornalismo, faz referência aos critérios que direcionam o olhar do jornalista na avaliação se um acontecimento será ou não noticiado.

3.1 Valor-notícia

A investida contra a democracia feita pelos bolsonaristas em 2023 foi destaque na imprensa internacional e nacional, estampando capas de diversos jornais, especialmente nas edições de 9 de janeiro – segunda-feira seguinte aos ataques. Fora do país, o jornal *Le Monde*, da França, deu ênfase à manchete "*Brasil: a democracia abalada com a invasão ao coração do poder*". O *The New York Times*, veículo americano, escolheu a chamada: "*Na capital do Brasil, uma multidão frenética ataca o Congresso, aparentando os ataques de 6 de janeiro (ao Capitólio dos Estados Unidos)*".

A nível nacional também foi dado espaço para abordar o assunto. O jornal *Folha de São Paulo*, por sete dias consecutivos, colocou o tema na primeira página (anexo A). No dia 9 de janeiro, havia um mosaico de fotos que exibiu parte da destruição em Brasília, e logo acima o

título: “*Golpistas pró-Bolsonaro invadem o Planalto, o Supremo e o Congresso*”. Nas edições seguintes, as capas trouxeram temas como prisões dos envolvidos, operações da PF e pesquisa de opinião sobre os ataques.

Apesar dos poucos exemplos, é possível apontar que os acontecimentos daquele dia foram um “valor-notícia” para os veículos, pelo menos para os citados. Traquina (2005), ao abordar a noticiabilidade diz que a imprensa partilha de uma visão comum do que é “normal” e quando um evento rompe essa “normalidade”, vira notícia.

Seixas (2018) vai além e reúne os critérios de noticiabilidade para Galtung e Ruge (1965; 1993), Golding e Elliott (1979), Gans (1979; 2004), Wolf (1985; 2008), Shoemaker e Reese (1996; 2016), Franciscato (2002; 2014), Traquina (2005; 2008), Silva (2005; 2014), Brighton e Foy (2007), Harcup e O’Neil (2001; 2016). Alguns dos itens listados são: proximidade (seja temporal ou geográfica), duração, dramaticidade, conflito, interesse humano, frequência, exclusividade, alcance, morte, tragédia, curiosidade, novidade e proeminência do evento ou das pessoas envolvidas. Já Langbecker, Castellanos e Catalan-Matamoros (2018) resumem:

Em geral, as pautas se enquadram mais na categoria “interessante” para preencher a falta de fatos importantes e/ou para atender ao gosto do público. Os fatos que se classificam com esse valor (interessante) têm a capacidade de provocar comentários e podem ser produzidos com facilidade (p.11).

Em uma análise rápida, é possível enquadrar as manifestações de janeiro em critérios como conflito, tragédia, curiosidade e proeminência. Isso porque, apesar do Brasil ter um histórico de atos com ocupação de prédios público e episódios em que manifestantes subiram na cobertura do Congresso Nacional (como nas jornadas de junho de 2013), nenhum deles foram apontados como o “maior teste” pelo qual passou a república desde a redemocratização – definição dada por Schargel (2023).

A cobertura de um evento pela mídia permite fazer um registro histórico, inclusive essa é uma das principais características da revista (Vilas Boas, 1996). Para além de documentar a notícia, esse modelo de jornalismo é capaz de veicular um “tipo bastante específico de discurso, que constrói sentidos sobre o mundo de forma lenta, reiterada, fragmentada e emocional” (Benetti, 2013, p.43).

3.2 Principais características

Antes de alcançar o formato atual, a revista de variedade e informação geral passou por uma série de mudanças que começaram desde seu surgimento há três séculos. Na época, o modelo era visto como um produto “parecido com os jornais e livros” (Melo, 2019), sem uma identidade única. Porém, o aparecimento de publicações temáticas, como a revista francesa *Mercúrio das Senhoras*, em 1692, possibilitou definir os primeiros traços desse estilo de jornalismo. “O investimento na variedade tornou-se característica central para diferenciar o conteúdo em relação aos livros: enquanto no livro um autor assinava o texto, na revista, um mesmo tema poderia ser tratado por diferentes autores” (Tavares; Schwaab, 2013, p.25).

A primeira publicação feita no Brasil ocorreu há 200 anos. O veículo teve “apenas duas edições, em 1812, sem apresentar um perfil noticioso”, mas instituiu o marco do surgimento da revista em solo brasileiro (Tavares; Schwaab, 2013, p.25). “A revista, vale dizer, surge em um contexto amador, e seu amadurecimento e profissionalização seguiram não apenas uma ‘evolução’ da própria indústria da mídia, mas também o diálogo social e cultural que perpassa essa dinâmica evolutiva” (Tavares; Schwaab, 2013, p.27).

As magazines se consolidam como um “casamento perfeito entre texto e imagem”, no qual a “conversa próxima ao leitor e a preocupação com o apuro estético têm igual relevância” (Tavares; Schwaab, 2013, p.27-31). Assim, além de oferecer informação, “as revistas também são bonitas”, e “as escolhas gráficas da publicação têm função fundamental na construção de sua identidade editorial” (Storch, 2013, p.137-138). Benetti (2013) reúne as principais características deste produto:

1) é uma materialidade com características singulares; 2) está subordinada a interesses econômicos e institucionais; 3) é segmentada por público e por interesse; 4) é periódica; 5) é durável e colecionável; 6) apresenta-se como um repositório diversificado de temas da atualidade; 7) trabalha com a reiteração de grandes temáticas; 8) contribui para formar a opinião e o gosto; 9) permite o exercício de diferentes estilos de texto; 10) utiliza critérios de seleção específicos para definir a capa; 11) apresenta uma estética particular, em que arte e texto são percebidos como unidade; 12) compreende a leitura como um processo de fruição estética; e 13) estabelece uma relação direta e emocional com o leitor (p.42-43).

Para exemplificar como outros autores olham esse produto, Tavares (2013, p.81) traz as definições de Henrique (2002) que entende a revista como um espaço onde é possível “fazer um jornalismo de melhor qualidade”. O autor cita ainda que é um produto onde se encontra um texto mais “redondo, expressão usada nas redações para indicar uma matéria em que não falta

nada para o leitor entender tudo o que existe em torno do assunto” (Lustrosa, 1996, *apud* Tavares, 2013).

França (2013, p.91) afirma que “o jornalismo de revista está intimamente ligado as expectativas dos leitores”, por isso, “cada mundo” apresentado pela magazine é “um mundo criado pela relação entre a atualidade (na qual se encontram os acontecimentos e personagens) e a expectativa da comunidade de leitores”. As edições também são um “documento histórico” no qual o leitor é situado no “plano de tempo do acontecimento” (Vilas Boas, 1996, *apud* Tavares; Schwaab, 2013). No entanto, importante lembrar que “mesmo nas revistas mais noticiosas, há uma distância maior entre o evento empírico e a publicação”, sendo assim, as memórias que a atravessam sofrem influências por suas manipulações do tempo documentado e suas “eventuais posições anacrônicas” (Vogel, 2013, p.23).

3.3 Reportagem

Nas magazines, os “textos (e seus referentes) são tramados por diferentes regimes de tempo e de prática”, o que possibilita ser “um suporte mais durável” que o de seus concorrentes impressos, como o jornal (Vogel, 2013, p.23). Tendo em vista esta característica, “a notícia ‘nua e crua’ nunca teve lugar de destaque em revistas”, com exceção de “lugares e períodos em que elas eram o único meio de comunicação de que se dispunha” (Scalzo, 2011, p.349).

Scalzo (2011) defende que esse modelo de jornalismo não deve se limitar ao resumo dos principais assuntos da semana, e sim “explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber”. A autora traz a seguinte explicação:

Nas redações de jornais ou de telejornais, quando acontece algum terremoto, por exemplo, tudo treme. É preciso correr e dar a notícia em cima da hora. Nas revistas, a redação não treme. Ou treme bem menos. Se for para falar do terremoto, será necessário descobrir o que ninguém sabe sobre ele, explicá-lo de forma diferente (p.346-347).

Tendo como base o exemplo apresentado por Scalzo, podemos traçar um paralelo das diferenças entre a notícia e a reportagem – dois núcleos importantes do jornalismo que permitem abordar um mesmo acontecimento de maneiras distintas. O primeiro “trata do hoje imediato, do aqui e do agora” (Furtado, 2013, p.146), como o terremoto que “treme” a redação. O segundo, a reportagem, é um texto que valoriza o aprofundamento da notícia, para isso, o jornalista “deve

afastar-se do ocorrido e pensar em quais caminhos” são possíveis para interpretar o evento, por exemplo, entender o que causou aquele fenômeno (Furtado, 2013).

A reportagem mostra como e por que uma determinada notícia entrou para a história. Desdobra-se pormeriza e dá amplo relato aos fatos principais e também aos fatos subjacentes da notícia. Quando a notícia salta de uma simples nota para uma reportagem, é preciso ir além, detalhar, questionar causas e efeitos, interpretar, causar impacto (Vilas Boas, 1996, p.43).

Para Furtado (2013, p.156), “o jornalismo não pode, nem precisa, explicar tudo, mas os jornalistas – e principalmente os de revista – devem estar preparados para ir o mais fundo que puderem nos fatos, sem especular”, de forma a manter o maior capital do meio: a credibilidade. Essa apuração busca “atingir águas mais profundas, onde serão encontradas as informações que escaparam aos jornais e aos meios imediatistas (rádio, televisão e internet)” (Boff, 2013, p.191).

Construir uma reportagem com o objetivo de aprofundar um tema do presente passa, portanto, por várias etapas: uma pauta bem pensada, uma apuração rigorosa, uma boa relação entre repórter e fotógrafo, uma redação cuidadosa e uma edição honesta, que valorize as informações coletadas [...]. Esse caminho é o que sublinha a atividade jornalística como de grande relevância social (Furtado, 2013, p.152).

Nas reportagens, respostas para as perguntas “o quê, quem, quando e onde” viram coadjuvante, e os motivos por trás do “como e por que” ganham protagonismo, ultrapassando as linhas do lide. Furtado (2013, p.145) defende que esse estilo de apresentação da notícia é “o futuro do jornalismo, principalmente, do impresso, e, mais ainda, o da revista, veículo que reúne características que o tornam o mais adequado para o aprofundamento da informação”.

3.4 “Meta-acontecimento”

Antes do jornalista escrever a reportagem, ele precisa passar por uma reunião onde é definida a pauta, com orientações sobre as possíveis fontes e ângulo de abordagem. De acordo com Furtado (2013), esse documento pode conter um acontecimento factual, – no qual a investigação foca em um caso recente – ou naquilo que Benetti, Storch e Finatto (2011) definem como “meta-acontecimento”. “Isto é, um evento que permite dizer algo que está além de si” (Benetti; Storch; Finatto, 2011 *apud* Furtado, 2013).

Segundo Benetti (2013), os assuntos enquadrados como “meta-acontecimento” têm uma raiz comum, mas para serem abordados novamente, é preciso que haja um fato novo relacionado

– que é um “mero pretexto para falar ‘de outra coisa’, sendo exatamente o tema de longa duração”. “Vemos isso com frequência no jornalismo de revista: os mesmos temas, eternamente retomados por pequenos eventos que lhes conferem a aparência de novidade” (Benetti, 2013, p.51).

Se por um lado o jornalismo faz o aproveitamento de temas que são considerados de “longa duração”, do outro ocorre o descarte de assuntos que nem tiveram a chance de ser noticiado ao menos uma vez. Nessa seleção, parte dos acontecimentos que são enquadrados como “polêmico ou não comercial (que não venderia) são deixados de lado, e como suas representações não puderam fazer parte do processo de construção de uma memória, não são apenas esquecidas: é como se nunca tivessem existido” (França, 2013, p.103).

O mundo da revista não suporta tudo o que acontece em nossa realidade. Com o tempo, foram se estabelecendo essas estratégias de seleção e organização de dados que são fundamentais para o bom funcionamento do jornalismo. Entretanto, o que é solução por um lado, é problema por outro. Entre os referentes e a revista que você carrega em sua mão há uma série de processos que transformam a realidade, e essa realidade nem sempre deve ser confundida com verdade. **A revista carrega um mundo dentro de si, e não o mundo. Isso, sim, não se deve esquecer** (França, 2013, p.103, *grifo nosso*).

3.5 Jornalismo interpretativo x linha editorial

Storch (2013) defende que “a leitura é essencialmente relação”. Para o autor, as revistas não ignoram esse fato e implementam estratégias para estreitar o contato com o consumidor. O público, em contrapartida, adota um comportamento similar, e “busca índices que permitam seu reconhecimento como leitor”. Esse jogo de expectativas compreende, além do leitor real, o chamado “leitor imaginado”, que seria “uma figura conceitual presente em cada publicação, refletida em diferentes elementos do processo editorial” (Storch, 2013, p.130). A recorrência de temas, ângulos de abordagens, entrevistas, e claro, a linha editorial são indicadores do perfil do suposto “leitor imaginado” de um veículo.

De acordo com Tavares (2013), “uma revista será sempre, por natureza, ideológica”. Nesse mesmo sentido, Vilas Boas (1996) identifica a presença do “ponto de vista” nas reportagens como um propósito, “não necessariamente explícito – de se chegar a algum lugar, de propor alguma coisa para o leitor”.

Dentro do assunto tratado, a reportagem de revista repercute um ponto de vista genérico, que poderíamos chamar de tendência. Mas de forma velada. Exemplo: um texto que apresente um diagnóstico das estatais brasileiras pode conter, nas entrelinhas, um posicionamento (tendência) favorável à privatização. Não quer dizer,

necessariamente, que a revista está opinando sobre o factual da reportagem. Significa que o texto pode suscitar – ou mesmo induzir a pensar – que o melhor caminho seria vender as “paquidérmicas” estatais (Vilas Boas, 1996, p.41).

Afim de verificar esses posicionamentos do jornalismo de revista, Vanderléia Melo fez uma pesquisa a respeito da cobertura da *Veja* e da *CartaCapital* sobre o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. No trabalho, a autora notou que, no conjunto de matérias analisadas, a *Veja* “mostrava o perfil do governo, como ‘ditadores e opressores’”, construindo assim textos com uma abordagem favorável à condenação. Já a *CartaCapital* percorreu a direção oposta nas matérias, dando destaque a defesa do governo e exaltando os pontos positivos da governante que estava sendo julgada (Melo, 2019).

Apesar de concordar que não existe uma fronteira clara entre opinião e informação no jornalismo, em especial no universo da revista, Boff (2013) avalia que essa presença opinativa não é “compreendida ou mesmo admitida fora de seus gêneros óbvios, como editorial e artigo”. Isso porque a profissão foi firmada na utopia da imparcialidade. Para Azubel (2013, p.271), preceitos como “objetividade, imparcialidade e isenção soam ultrapassados no caso de veículos com características interpretativas”.

Boff (2013) defende que, na reportagem, até mesmo a organização de um lide “é uma questão de interpretação”, pois ocorre a escolha das informações “mais relevantes para abrir o texto da notícia”. Para o autor, ao negar a subjetividade, o “jornalismo de revista parece querer criar um outro mito, o mito da subjetividade” (Boff, 2013, p.197).

Autoriza-se a “soltar a palavra”, a desamarrar-se da “padronização”, mas nega a própria subjetividade. Empoderado por uma espécie de objetividade ampliada, aquela que consegue interpretar objetivamente as informações que escolheu, pretende deixar toda a opinião a cargo da subjetividade do leitor. Tudo isso, embora confesse apresentar um “ponto de vista” em textos que podem “induzir a pensar” ou “conduzir o leitor” a um “juízo de valor” (Boff, 2013, p.197).

Seja nas reportagens de destaque, em notas, entrevistas ou em colunas opinativas, a revista realiza “uma espécie de espelhamento dos preceitos editoriais previstos em suas seções, articulando uma rede de discursos e gêneros jornalísticos heterogêneos” (Tavares, 2013, p.85). Como forma de criar uma unidade no produto e o diferenciar dos demais, existe a linha editorial – um conjunto premissas que atuam como norte para definir “o que está próximo, espacialmente, e o que interessa, culturalmente, ao público-alvo” (Seixas, 2018, p.22).

No jornalismo, o uso corrente de expressões como linha editorial, missão editorial, conceito ou perfil editorial compõe binômios frequentemente associados a um universo de atuação comercial e política [...]. No entanto, devemos tomar as fórmulas que cercam essas definições demarcadoras apenas como pontos de partida para a compreensão do produto e da ambiência (jornalística, comunicacional e social) que as movem e configuram. Elas não são, em si, a essência possível de uma publicação, mas sua fonte e seu horizonte; tal como no fluxo de um rio, veem seu curso modificado e acrescido de movimentos e ocorrências as mais diversas, que dizem, na verdade, da articulação entre contextos mercadológicos e sociais, conteúdos, práticas e materialidades. E as construções advindas de tais encontros incidem, diretamente, sobre a perenidade mutável – e possível – que revela e indica, em uma revista, sua identidade (Tavares, 2013, p.75).

Em relação ao editorial – também chamado de “carta ao leitor” em alguns veículos –, Bolf (2013, p.187) afirma que esse é um espaço onde há uma “espécie de reserva do poder opinativo dos veículos”. Esses textos, conforme o autor, podem abordar temas distantes dos fatos da semana, defender interesses da revista ou mesmo compilar as principais reportagens daquela edição. “O editor pode colocar mais sal ou um pouco de pimenta em determinados assuntos, ou seja, usar o tempero da opinião para provocar o apetite do leitor” (Boff, 2013, p.188).

3.6 *Veja e CartaCapital*

Uma pesquisa realizada, em 2022, pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e pela Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner) mostrou que existem 350 revistas no Brasil. Desse total, 65% dos títulos trabalham no meio digital. Nesse universo de publicações, este trabalho decidiu focar a análise em dois veículos: *Veja* e *CartaCapital*. Ambas têm versões impressas e online.

A *Veja* foi criada em 1968 por Roberto Civita e faz parte do Grupo Abril. Atualmente, a revista é a líder em tiragens, com 92.850 impressões por semana, segundo levantamento do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) divulgado em 2021. Ao longo dos 55 anos de existência, a magazine passou por censuras impostas pela ditadura, alcançou a marca de um milhão de tiragens semanais e criou as páginas amarelas – espaço destinado à entrevista principal da edição. Melo (2019) define que a revista tem uma linha editorial neutra.

Já a *CartaCapital* foi criada em 1994 pela Editora Basset. O veículo surge com a proposta de ser uma alternativa ao conteúdo encontrado nos grandes meios de comunicação. Antes de se consolidar como semanal, teve publicações mensais e, depois, quinzenais. Os dados

do IVC mostram que a revista registra 2.130 tiragens por edição. Para Almeida, Rodrigues e Felz (2015), a magazine tem um posicionamento “assumidamente esquerdista”.

A título de curiosidade, um ponto em comum entre os veículos é o fato de ambos terem, no cerne da sua criação, uma mesma figura à frente da redação: o jornalista Mino Carta. Em 2014, durante o episódio dedicado a ele na série *Memórias*, da Câmara dos Deputados, o profissional relembrou sua trajetória no jornalismo, da revista *Quatro Rodas* até a criação da *CartaCapital*.

No relato, Mino explica que, ao assumir como editor da *Veja*, passou a entender que cabe ao jornalista o papel de “deixar aos póstumos, ao amanhã, o mínimo de informação que permita manter a memória acessa, permita saber o que de fato aconteceu” (*Memórias*, 2014). Ele fez parte do veículo desde seu lançamento (no início da ditadura) até ser demitido em 1976.

Nos anos seguintes, ele seguiu no jornalismo, incluindo no currículo passagens pelas revistas *IstoÉ* e *Senhor*. Até que, em 1994, integrou a equipe da recém-criada *CartaCapital*, onde é chefe de redação.

4. MÉTODO

4.1 Análise de conteúdo

Para identificar como foi a cobertura das revistas *Veja* e *CartaCapital* sobre as manifestações ocorridas em 8 de janeiro de 2023, em Brasília, optou-se pela análise de conteúdo (AC) como metodologia. O livro da autora francesa Laurence Bardin foi usado como referência para sistematizar a coleta, manipulação e inferência dos dados. Segundo a autora, o método reúne “um conjunto de técnicas de análises das comunicação” (Bardin, 2016, p.33), que permitem olhar para os possíveis significados de uma mensagem. “A análise de conteúdo é considerada uma técnica híbrida, vista que oscila entre os polos quantitativo e qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador” (Melo, 2019, p.60).

Para fazer a análise, uma das orientações da Bardin (2016) é organizar a pesquisa em três fases cronológicas. A primeira é a pré-análise, que seria basicamente separar o material a ser investigado. Nesta etapa, a autora especifica a importância de realizar uma leitura flutuante dos textos e de confirmar se os documentos atendem às regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Também é nesse ponto que acontece a preparação do *corpus* de modo a facilitar o momento seguinte.

O próximo passo é a exploração do material, onde são feitos os recortes e as classificações do conteúdo visando estruturar as informações. O último período cronológico é o tratamento dos dados e as inferências – etapa de convergência do material escolhido com a base teórica – para se chegar às conclusões sobre o conteúdo.

De acordo com a Bardin (2016, p.40), na análise, é preciso pensar que o interesse não se limita apenas à descrição dos conteúdos, “mas sim no que estes poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo)”. A autora completa:

A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes, ou de significados (manipulados), outros “significados” de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc (Bardin, 2016, p. 43-44).

4.2 Aplicação da AC na pesquisa

Este trabalho reúne reportagens da *Veja* e da *CartaCapital* para analisar as narrativas sobre as manifestações de 8 de janeiro. Os veículos foram escolhidos porque, supostamente, têm perfis editoriais antagônicos, o que pode resultar em diferentes abordagens nas matérias.

Soma a essa escolha o fato de terem características em comum, como circulação nacional e semanal, cobertura política e presença no meio impresso e digital, o que permitiu

atender aos critérios da primeira fase cronológica criada por Laurence Bardin. Outro ponto que influenciou foi o fato de que ambas contam com um amplo acervo de publicações impressas acessíveis por meio da internet.

Para montar a amostra que foi analisada, adotou-se um sistema de afinamento de informação. No primeiro momento, como orientado pela Bardin, ocorreu a leitura flutuante das 32 publicações – soma de edições dos dois veículos no período de 16 semanas a partir de 18 de janeiro (anexos B e D), data em que foi veiculada a primeira edição sobre o evento. Depois, foram selecionadas apenas exemplares cujas capas abordavam as manifestações de 8 de janeiro. Esse critério teve como base a interpretação de que a matéria que estampa a primeira folha de uma edição, normalmente, é o assunto principal da semana.

O acontecimento que “ganha” a capa de uma revista semanal de informação geral é o resultado de uma série de movimentos: houve investimento de reportagem, a percepção do veículo de que aquele tema é importante para o leitor, o acontecimento foi percebido pelos editores como pleno de potencialidades de tratamento verbal e não verbal (Benetti, 2013, p.50).

Após a etapa anterior, chegamos a sete edições, ao todo (anexos C e E). Como o objeto de estudo não eram as capas, dentro de cada publicação foram selecionadas apenas reportagens cujo assunto principal era diretamente relacionado aos atos ocorridos no início de 2023.

Inicialmente, pensou-se em escolher apenas matérias que tivessem no título, linha fina ou lide a expressão “8 de janeiro”. Todavia, ao se debruçar sobre o conteúdo, foi verificado que o acontecimento era citado por meio de diferentes palavras, que serviam de sinônimo. De forma similar, a *Veja* e a *CartaCapital* usaram frases como “criminoso ataque à democracia”, “atos terroristas” e “ataques golpistas” para indicar o acontecimento.

Além disso, com base na leitura do conteúdo aliado à base teórica, ficou evidente que a reportagem de revista, em geral, não conta com um lide estruturado conforme a pirâmide invertida. Vilas Boas (1996, p.45) defende que “as informações, assim como o que originou a matéria, não têm necessariamente, de vir nas primeiras linhas”, esse espaço deve ser usado para “capturar o interesse do leitor”.

A frase criativa substitui o lead. Mas a forma antitética não é a única existente. Há outras, como, por exemplo, a construção declaradamente interpretativa. Primeiro dá-se o nome ao fato, para depois quantificá-lo (Vilas Boas, 1996, p.74).

Tendo em vista essa característica, durante a exploração do material, foram identificadas expressões e palavras usadas pelos veículos para referenciar as manifestações de janeiro. Assim, montou-se o *corpus* que seria explorado na etapa seguinte, que é composto por dez matérias da *Veja*, mais oito reportagens da *CartaCapital*. Importante ressaltar que só foram separadas para

análise reportagens informativas cujo assunto principal ou gancho eram as manifestações de janeiro. Ficaram de fora editoriais, entrevistas, colunas, notas e charges – além de matérias que apenas citavam o acontecimento. “A reportagem é aquela que consegue apresentar a notícia em profundidade, com objetivo e padrão ético” (Vilas Boas, 1996, p.78).

4.2.1 Análise descritiva

Pensando nisso, optou por fazer uma análise descritiva das reportagens selecionadas. Essa estratégia busca identificar as narrativas para falar sobre a notícia, estilos adotados para abrir e fechar a matéria, fontes usadas na apuração, rumo e pontos de vista.

Antes desse passo, decidiu-se separar o conteúdo em categorias que permitissem a organização de dados. Para Bardin (2016), “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos”, sendo que esse agrupamento é efetuado em razão dos “caracteres comuns”.

Neste momento, foram identificadas as seguintes informações do *corpus*: 1) editoria: em qual seção a reportagem foi inserida; 2) autores: quais jornalistas assinaram as matérias; 3) definição do evento: significados adotados para resumir as manifestações; 4) nomenclatura dada aos manifestantes: nomes e expressões usadas para referenciar os atores diretamente responsáveis pelos danos ao patrimônio público.

4.2.2 Eixos temáticos

Após leitura e descrição do material, foi constatado a frequência de certos temas comuns no *corpus*. A partir disso, foram criadas categorias afim de agrupar os ângulos adotados pelos veículos.

Em revista informativa-geral, o importante é puxar o cordão dos fatos, desamarrar o fio dos eventos, oferecer diferentes ângulos de visão da situação, complementando com históricos, depoimentos, dados estatísticos, documentário fotográfico, enquadramentos ideológicos e prognósticos (Vilas Boas, 1996, p.79).

O material foi agrupado em seis divisões nomeadas de eixos temáticos (ET). São elas: ET1) Relação entre Bolsonaro, militantes e atos antidemocráticos; ET2) Atuação do governo distrital; ET3) Papel dos militares; ET4) Fortalecimento do Lula; ET5) Dimensão dos danos; ET6) Consequências e respostas aos ataques.

5. ANÁLISE

O *corpus* da pesquisa contém dez textos da *Veja* distribuídos em três edições, mais oito matérias da *CartaCapital* pertencentes a quatro publicações. As edições foram selecionadas em um intervalo de 16 semanas. Todas foram veiculadas entre 18 de janeiro e 3 de maio, sendo que a data de início corresponde a primeira capa veiculada sobre os atos de janeiro.

Antes de aprofundar nas categorias, é importante pontuar que a organização gráfica dos veículos analisados são bem diferentes. Em geral, uma publicação da *Veja* tem 226 páginas divididas entre publicidade, editoriais, colunas, entrevistas (páginas amarelas) etc. O editorial, chamado de “Carta ao Leitor”, não é assinado. O texto da revista é apresentado de forma contínua, sem o uso de colunas – exceto a seção “Radar” que traz os resumos dos principais assuntos da semana. A capa costuma abordar apenas um tema e conta com imagem, título e sutia.

A Carta ao Leitor de *Veja* é o seu editorial. O fato de não chamar de editorial tem a ver com a tentativa permanente de descaracterizar esse texto como um posicionamento político, buscando defini-lo como simples “verdade”, mesmo que o seu sentido original fosse ser uma “carta” ao “leitor”. Parece provável que o sentido de “carta” tenha a ver com o primeiro diretor de redação, que, por ter maior autonomia editorial com relação à direção da revista criou essa expressão. A intenção parece clara: de (Mino) Carta ao leitor (Silva, 2009, p.90).

Das dez matérias da *Veja*, nove estão posicionadas dentro da seção “Brasil”. Nesta editoria existem subdivisões: Congresso, Especial, Exclusivo, Internet, Justiça, Polícia e Política. A maioria das subeditorias citadas abrigam uma reportagem, com exceção das seções “Justiça” e “Especial”, que contam com duas matérias. Outra reportagem foi inserida na seção de “Economia”. Ao todo, 14 jornalistas assinaram os conteúdos. Desses, apenas a Marcela Mattos foi responsável por três matérias.

A *CartaCapital* tem quase um quarto da quantidade de páginas da concorrente. As 60 folhas são divididas também em publicidade, editorias, resumo da semana etc. O editorial, na maioria das vezes, é assinado pelo Mino Carta, diretor de redação do veículo. As edições contam com um espaço para um cartum, de autoria do desenhista Venes Caitano. Outra diferença, em comparação a *Veja*, é o fato de os textos serem organizados em colunas. A capa costuma deixar em evidência a notícia principal – também com imagem, título e linha fina –, e acrescenta ao cabeçalho da folha um ou dois assuntos abordados na publicação.

Da *CartaCapital* foram selecionadas oito reportagens. Dessas, sete estão na seção “Capa” e uma na editoria “Seu País” da revista. Foram contabilizados seis autores. Somente o jornalista André Barrocal assinou três matérias.

Tabela 1 – Organização do *corpus* da pesquisa

REVISTA	EDIÇÃO	REPORTAGEM	EDITORIA
<i>Veja</i>	2824	8 de janeiro de 2023	Brasil (Especial)
<i>Veja</i>	2824	Caça aos culpados	Brasil (Justiça)
<i>Veja</i>	2824	O sujeito oculto	Brasil (Política)
<i>Veja</i>	2824	Por trás da baderna	Brasil (Congresso)
<i>Veja</i>	2824	Terrorismo nas redes	Brasil (Internet)
<i>Veja</i>	2824	Criminosos em ação	Brasil (Polícia)
<i>Veja</i>	2824	Alvos controversos	Economia (Energia)
<i>Veja</i>	2825	A sombra da cumplicidade	Brasil (Exclusivo)
<i>Veja</i>	2838	o golpe passado a limpo	Brasil (Justiça)
<i>Veja</i>	2838	o dia que ainda não acabou	Brasil (Especial)
<i>CartaCapital</i>	1242	O dia seguinte	Capa
<i>CartaCapital</i>	1242	A crise também é estética	Capa
<i>CartaCapital</i>	1242	Pela culatra	Capa
<i>CartaCapital</i>	1242	Nem anistia nem trégua	Capa
<i>CartaCapital</i>	1242	Mitômanos em pânico	Capa
<i>CartaCapital</i>	1243	Omissos e conspiradores	Capa
<i>CartaCapital</i>	1247	O cerco se fecha	Seu País
<i>CartaCapital</i>	1257	a céu aberto	Capa

Fonte: Elaboração própria com base no material selecionado para o trabalho.

Como citado no capítulo da metodologia, a manifestação ocorrida em 8 de janeiro foi abordada a partir de diferentes ângulos nas reportagens analisadas. Na cobertura, as revistas usaram expressões e palavras como forma de dar significado e ao mesmo tempo referenciar os atos. Como esse comportamento das revistas pode ser entendido como um indicativo da opinião ou da linha editorial, optou-se por identificar as principais definições usadas.

Figura 1 – Nuvem de palavras e expressões adotadas pelas revistas para referenciar os atos bolsonaristas de janeiro de 2023



Fonte: Elaboração própria com base nas reportagens da *Veja* e da *CartaCapital*.

A título de curiosidade, nas matérias analisadas, a palavra “invasão” foi a que teve maior frequência, com pelo menos 28 registros, sendo 21 na *Veja* e sete na *CartaCapital*. “Atos golpistas” foi a denominação mais presente na revista do Mino Carta. Já a definição do evento como ato de “depredação” ocupou a segunda posição de termo mais utilizado pelo veículo da Editora Abril.

No que diz respeito as palavras usadas para nomear os atores responsáveis pelos danos, o termo “golpista” ocupa a primeira posição nas duas revistas, com 13 aparecimentos na *CartaCapital* e 14 registros na *Veja*. Este último veículo também citou nove vezes a palavra “vândalos”.

Figura 2 – Nuvem de palavras usadas para nomear os envolvidos nos ataques aos prédios dos Três Poderes, em Brasília, no início de 2023



Fonte: Elaboração própria com base no material selecionado para o trabalho.

5.1 Análise descritiva

5.1.1 *Veja*

Após selecionar as capas que abordavam as manifestações de janeiro, chegamos ao total de três edições da revista *Veja*. Dessas publicações, foram extraídas dez reportagens.

5.1.1.1 – Capa: Vândalos. Criminosos. Terroristas. Golpistas

Figura 3 – Edição 2824 da *Veja*



Fonte: revista *Veja*

A primeira capa da *Veja* sobre as manifestações foi publicada em 18 de janeiro. Em letras maiúsculas e em negrito, a revista nomeia os responsáveis e coloca uma foto do momento – inclusive com uma das pessoas em primeiro plano vestindo uma camiseta com o rosto do ex-presidente Bolsonaro na estampa. A edição ainda traz o seguinte texto:

Numa das páginas mais vergonhosas da história recente do país, radicais bolsonaristas invadem e depredam o Palácio do Planalto, o Congresso e o STF. Diante de uma situação tão grave, as instituições precisam dar uma resposta vigorosa para punir os responsáveis – em todas as esferas – e proteger a democracia brasileira (*Veja*, 2023).

Foram contabilizadas sete reportagens informativas sobre a atuação dos bolsonaristas pelo país no segundo fim de semana de 2023. Além das matérias, este tema esteve presente em outras seções, como editorial, colunas e a entrevista das páginas amarelas.

5.1.1.1.1 – Brasília, 8 de janeiro de 2023

A matéria de abertura da edição traz a data do acontecimento como título, a defesa da punição dos responsáveis na linha fina e uma imagem da destruição na primeira página – uma foto de um do vidro quebrado com o Congresso ao fundo e pessoas vestidas de verde e amarelo na rampa de acesso ao Palácio do Planalto. Para compor essa narrativa, a revista detalhou como foi “o mais grave ataque perpetrado contra as instituições desde o fim do regime militar” (Borges, 2023).

Antes de descrever a “baderna”, a *Veja* explica que, desde o segundo turno das eleições em 2022, os apoiadores do ex-presidente Bolsonaro não desistiram de tirar Lula da cadeira presidencial. A revista define o grupo bolsonarista como “delirantes estúpidos”. O texto reforça que eles acreditavam que a intervenção das Forças Armadas era a solução para os problemas. Para eles, os militares só dariam essa resposta se fosse criada uma “confusão de grandes proporções”.

Assim surgem, os bloqueios nas estradas, as manifestações “cada vez mais agressivas” e os acampamentos próximos aos quartéis do Exército. De acordo com a revista, com a escalada de tensões, “o que se temia, infelizmente, aconteceu”. A revista diz que no dia 8, “a democracia foi humilhada pela anarquia e pelo vandalismo”.

A reportagem mostra o episódio como um “tsunami da barbárie”, no qual, por três horas, “militares bolsonaristas” causaram uma “baderna sem precedentes”. Para isso, contaram com um “apagão das autoridades”. A *Veja* reforça que é preciso explicar a atuação do governo do Distrito Federal e dos militares.

Com destaque aos envolvidos, a *Veja* diz que “marginais travestidos de manifestantes marcharam até a Praça dos Três Poderes e destruíram tudo que foram encontrando pela frente” (Borges, 2023). Ao longo da reportagem, é citado o que foi destruído pelos “terroristas”.

O foco da reportagem não é apontar os culpados pela entrada dos “vândalos” nos prédios públicos, e sim citar o que foi destruído como forma de dimensionar o prejuízo. A *Veja* conclui que “pela sequência dos eventos, não há dúvida de que a ação foi planejada e executada com zelo”, e possivelmente teve a “conivência ou omissão de certas autoridades” (Borges, 2023).

Para a reportagem, a jornalista Laryssa Borges usou a cronologia como introdução do texto, proporcionando um panorama das eleições até a data dos ataques – o que mostra a evolução do pensamento bolsonarista de que “algo iria acontecer”. Talvez pelo caráter descritivo da matéria, não ficou claro quais fontes foram usadas. Porém, o texto conta com detalhes do evento e as reações dos presidentes das Casas depredadas.

5.1.1.1.2 – Caça aos culpados

Ao contrário da reportagem anterior, essa aponta os possíveis culpados. A *Veja* constrói um texto no qual é enfatizado a falta de consenso, planejamento e organização por parte dos Órgãos responsáveis pela segurança na capital e na Esplanada dos Ministérios. A reportagem começa com a descrição dos sentimentos do presidente Lula ao saber dos ataques, o telefonema de confirmação do ministro Flávio Dino, do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), e o questionamento: “Como aquilo estava acontecendo?” (Mattos, 2023). Essa pergunta norteia o texto.

Para a *Veja*, as autoridades tinham acesso a informações suficientes de modo a se preparar melhor para aquela data. Além da entrada atípica de 100 ônibus com bolsonaristas na capital, a revista defende que houve outros sinais da organização dos atos, como o compartilhamento de postagens que diziam ser a hora de “depor os traidores da pátria e tomar o poder”.

Se por um lado existe um preparo “golpista”, do outro há um governo que libera o acesso a uma das principais avenidas de Brasília. Justamente essa pista que permite chegar à Praça dos Três Poderes, deixando como barreira apenas “blocos de plástico” e uma dúzia de policiais.

Ainda sobre os culpados, a *Veja* frisa que, enquanto ocorria a “invasão”, o governador Ibaneis ficou ausente e não atendeu as ligações das autoridades. Além disso, o então secretário de Segurança Pública do Distrito Federal (SSPDF), Anderson Torres, estava de férias em outro país.

Interessante pontuar que o ministro Alexandre de Moraes, do STF, é descrito como um jurista que, mesmo de férias em Paris, trabalha para solucionar os problemas causados pelos “atos golpistas”. De lá, o magistrado determinou o afastamento de Ibaneis do cargo, e mandou prender Torres e o militar Fábio Vieira, então comandante-geral da Polícia Militar do DF (PMDF), Fábio Vieira. Segundo a revista, a decisão era uma resposta à conveniência das autoridades em relação aos “baderneiros”. Disse que a negligência poderia colocar “em risco a vida dos ministros do Supremo, de parlamentares e do próprio presidente Lula” (Mattos, 2023).

Ainda sobre as consequências, o texto cita a operação da PF que realizou buscas na casa de Torres. Lá, os agentes encontraram um “estranho documento que sugeria o estudo de uma medida que permitiria ao governo intervir no TSE, alvo de pesadas críticas de Jair Bolsonaro” (Mattos, 2023).

A possível responsabilidade dos militares também é um dos pontos que faz parte da notícia. “Dentro do governo, embora isso não seja dito explicitamente, existe a desconfiança de que uma parte dos acontecimentos contaram com o aval e a complacência de militares de alta patente”, diz a revista.

São levantadas hipóteses dos motivos por trás da falha na proteção do Palácio do Planalto, incumbência do Gabinete de Segurança Institucional (GSI). Acrescenta ainda teorias do porquê os militares do Exército não permitiram a desmobilização dos acampamentos bolsonaristas em diversos momentos, inclusive na noite do “criminoso ataque à democracia”.

Para registro, essa reportagem usa fontes oficiais, como autoridades do governo federal e documentos da PF, traz ainda o posicionamento da advogada de Torres, além de dar preferência à descrição dos fatos.

5.1.1.1.3 – O sujeito oculto

Para além dos manifestantes e das autoridades envolvidas com a manifestação, a *Veja* traz outra figura que compõe esse quadro de atores envolvidos: Bolsonaro. O ex-presidente é visto como uma personalidade que foi referência em manter motivada a “turba” extremista a partir de uma “retórica beligerante”. A revista pontua que a possibilidade de “intervenção militar foi uma constante” nas falas do político.

A *Veja* destaca no início da matéria que “Bolsonaro fez carreira no Legislativo com um discurso corporativista, de exaltação à ditadura e de pouco apreço à democracia” (Pereira, 2023). Ao longo do texto, a revista cita momentos em que o político, como presidente, “desrespeitou a liturgia do cargo, minou de forma sistemática a confiança da população no

sistema eleitoral e adotou como estratégia o confronto com as instituições, a fim de desacreditá-las” (Pereira, 2023).

Para a revista, por mais que mantivesse a “ladainha de que sempre jogou ‘dentro das quatro linhas da Constituição’”, o político tinha uma postura favorável ao “golpe”. Um dos exemplos apresentados são os discursos dúbios com relação ao 7 de setembro de 2021. À época, ficou em suspeição a possibilidade de uma ruptura no Estado democrático. A tragédia, porém, aconteceu neste ano.

A revista sublinha que “Bolsonaro até tentou se desvincular do atentado dos radicais”, no entanto, assim como em “episódios anteriores, não repreendeu de forma enérgica os golpistas nem fez qualquer gesto a favor da pacificação nacional, o que seria natural da parte de um autêntico democrata” (Pereira, 2023). O veículo afirma que o ponto de vista defendido não é relacionado a ideologia ou disputa política, e sim mostrar os possíveis delitos do presidente. Porém, apenas uma investigação “mostrará o grau de responsabilidade de Bolsonaro e seu círculo mais próximo nos ataques dos terroristas à Praça dos Três Poderes” (Pereira, 2023). A *Veja* conclui:

“O fato é que, independentemente de quem ganhe uma eleição, o país precisa de paz e de fortalecimento dos mecanismos de defesa de sua ainda jovem democracia. Para alcançar esses objetivos, é fundamental identificar e punir, além da massa de manobra composta de vândalos e arruaceiros, todos os que contribuíram para o espetáculo de horror em Brasília” (Pereira, 2023).

Na reportagem são usadas como fontes: fala do presidente Lula, uma informação dada em sigilo, postagem do Bolsonaro sobre os eventos nas redes sociais, uma entrevista feita pelo *O Globo* e resgate de falas polêmicas do ex-presidente, de seu filho Eduardo e do general Braga Neto.

Figura 4 – Declaração do deputado Eduardo Bolsonaro sobre as manifestações de janeiro de 2023

“Eu até entendo que tem uma postura mais moderada para não tentar chegar ao momento de ruptura, um momento de cisão. Falando abertamente, não é mais uma opinião de se, mas de ‘quando’ isso vai ocorrer.”

Deputado **Eduardo Bolsonaro**, em maio de 2020, em reação a uma decisão do ministro Alexandre de Moraes

Fonte: Trecho retirado da reportagem “O sujeito oculto” da *Veja*.

5.1.1.1.4 – Por trás da baderna

A quarta etapa da cobertura feita pela *Veja* cita, ao menos, dez políticos que ajudaram a promover “o discurso que embalou a ida de milhares ao Distrito Federal, para protagonizar um dos dias mais vergonhosos da história do país” (Campos; Dall’agnol, 2023). Por mais que não estivessem na lista de presos, os representantes atuaram, segundo a revista, para inspirar “os terroristas bolsonaristas” que destruíram os prédios públicos da capital.

Desse grupo, nove são da mesma sigla que o ex-presidente Jair Bolsonaro, o Partido Liberal (PL). São integrantes dessa turma: o chefe do PL, Valdemar Costa Neto; o senador Magno Malta; e os deputados Carla Zambelli; Carlos Jordy; Nikolas Ferreira; Zé Trovão; André Fernandes; Silvia Waiãpi e Bia Kicis. Fora do partido tem a deputada Clarissa Tércio, do Partido Progressistas (PP).

O veículo define que o “capítulo mais nefasto da jovem democracia brasileira” precisa entrar para a história como um momento onde a classe política entendeu que “retóricas antidemocráticas não podem ser toleradas ou usadas como bandeira eleitoral”.

As fontes usadas foram a Procuradoria-Geral da República (PGR), políticos e partidos, mensagens de aplicativos e conteúdo postados nas redes sociais.

5.1.1.1.5 – Terrorismo nas redes

Na quinta reportagem da série, a *Veja* mostra como “a extrema direita já fazia muito barulho havia dias” nas redes sociais. A revista defende que haviam sinais de que ocorreria os

atos – mesmo sem saber ao certo a dimensão – e, ainda assim, as autoridades da capital “não ouviram porque estavam surdos (ou fingiam estar)”.

O veículo faz um resgate das manifestações de 2013 para mostrar a evolução dos protestos da extrema direita e o uso das redes sociais como espaço para organização e propagação de discursos antidemocráticos. Para a invasão em Brasília, na “terra sem lei”, os “golpistas” criaram um código para “se referir à desordem que preparavam”. O codinome “Festa da Selma” – um trocadilho com a palavra selva, que é usada como grito de guerra pelo Exército – reunia os adeptos.

Um adendo relevante que a revista traz é que “nem só de desconhecidos foi formado o exército digital que trabalhou para a convocação da desordem” (Magri; Bechara, 2023). “A turma golpista contou com o incentivo de influenciadores bolsonaristas, artistas e pastores evangélicos”, pontua a revista.

O veículo cita dados sobre o engajamento online no dia do “vergonhoso quebra-quebra” na capital. Foram mais de 407,3 milhões de visualizações em uma postagem sobre a invasão. Metade dos comentários feitos traziam “sentimento antidemocrático”.

Outro ponto curioso levantado pela revista, é que enquanto participavam do “carnaval golpista” e depredavam os prédios dos três Poderes, o clima entre os militantes era de comemoração e “coragem para vandalizar o patrimônio”. Depois, com a reação negativa e o início das medidas do governo federal para controlar a situação, o público se desesperou e teve medo da prisão.

Para a *Veja*, o Brasil “anda perdido” sobre como “pacificar o uso político das redes sociais”. Enquanto isso, o universo virtual é utilizado para disseminar *fake news* e promover “algazarras” como as ocorridas na Praça dos Três Poderes. Os detalhes da matéria ficam por conta das mensagens coletadas nas redes sociais, junto da análise de dois pesquisadores.

Figura 5 – Trechos de como foram as mobilizações para reunir bolsonarista que estariam presentes nos atos de janeiro

PROFETAS DO CAOS

A pregação de influenciadores bolsonaristas na internet

“ESTOU A CAMINHO DA CAPITAL DA CORRUPÇÃO PARA FAZER A TÃO NECESSÁRIA LIMPEZA DAS TRÊS CASAS DE PODER”

Ramiro dos Caminhoneiros, no Instagram (70 000 seguidores) — na convocação, ele aproveita para pedir um PIX

“QUE O ‘FIQUE NO QG’ SE TRANSFORME EM ‘FIQUE NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES’. VAMOS PARAR O BRASIL! O BRASIL É DO POVO! NÃO DE UM PODER!”

Bismark Fugazza, do canal Hipócritas, do YouTube (1,6 milhão de seguidores), que é investigado pelo STF, no Instagram

“VENHAM TODOS PARA A FESTA DA IRMÃ SELMA!!! EITA GLÓRIA!!! A BABILÔNIA ESTÁ RUINDO!!! SELVAAAAAAA! O GOLPE NÃO É DO PRESIDENTE BOLSONARO. O GOLPE NÃO É DAS FORÇAS ARMADAS. O GOLPE É DO POVO BRASILEIRO E SERÁ FATAL! NA JUGULAR DO SISTEMA. VAMOS DECEPAR A CABEÇA DA HIDRA!”

Ana Priscila Azevedo, no canal A Queda da Babilônia, no Telegram (29 000 inscritos) — ela foi presa na terça 10

Fonte: Trecho retirado da reportagem “Terrorismo nas redes” da *Veja*.

5.1.1.1.6 – Criminosos em ação

Esta reportagem volta a narrativa para os perfis dos envolvidos, grupo denominado pela *Veja* de “fauna que protagonizou o deprimente espetáculo na capital federal”. A reportagem inicia com a história de Janailson Alves da Silva, que prometeu aos gritos “quebrar tudo” em janeiro, mas foi preso a caminho da Esplanada.

Já os “golpistas” que tiveram êxito em alcançar a Praça dos Três Poderes carregavam consigo “armas e disposição suficientes para um confronto e reproduzia um discurso delirante em voga no bolsonarismo: o da falta de legitimidade de Lula para ser o presidente” (Turollo Jr.; Quintella, 2023). Horas mais tarde, parte do grupo também faria companhia ao colega Janilson na delegacia. Ao todo, foram presas 1.398 pessoas. Destes, 65% eram homens.

A *Veja* analisou 165 depoimentos de bolsonaristas detidos afim de verificar o perfil do grupo. A faixa etária levantada pela revista ficou dividida em: presos com idade entre 40 a 50 anos (52); de 19 a 39 anos (47); de 51 a 60 (29); mais de 70 anos (7). As pessoas autoras dos relatos eram moradoras de Brasília e de cidades do sul e sudeste.

Figura 6 – Perfis das pessoas que participaram da manifestação bolsonarista

ARAUTOS DA DESORDEM

Conheça alguns dos envolvidos nos distúrbios criminosos em Brasília

ANA PRISCILA AZEVEDO

Dona de canal popular no Telegram, fez vídeos participando da invasão do Congresso e incitando os demais. “Vamos colapsar o sistema. Estamos tomando o poder de assalto”, disse antes das invasões. Foi presa na terça-feira 10



ANDRÉ LUIZ VILELA

Desempregado, 35 anos, pegou carona de Primavera do Leste (MT) para Brasília há dois meses. Foi preso com cassetete, estilingue, bolas de gude e máscara antigás

JULIO CESAR DE OLIVEIRA CISCOUTO

Aposentado, 73 anos, mora em Belo Horizonte. Quando foi preso, ofereceu 5 000 reais a um escrivão para que seu aparelho de celular não fosse apreendido

Fonte: Trecho retirado da reportagem “Criminosos em ação” da *Veja*.

Para a revista, “a ironia da estreia do terrorismo bolsonarista em larga escala é que os próprios delinquentes ajudaram a produzir provas contra si” (Turollo Jr.; Quintella, 2023). Isso porque, além de se postarem fotos e vídeos na internet da “atividade criminosa, os golpistas deixaram muitos vestígios” – esse é o caso daqueles que fizeram xixi e cocô no STF.

Ao olhar para os “vândalos”, a *Veja* buscou identificar as motivações. Alguns deles foram por conta própria por acreditar na pauta ideológica, outros receberam dinheiro para viajar até a capital. Com base nessas informações admitidas por parte dos presos, a Polícia Federal iniciou a caçada aos “os financiadores da caravana criminosa”.

O arsenal apreendido com parte dos “criminosos, por fim, não deixa dúvidas sobre o caráter dos distúrbios travestidos de ato político” (Turollo Jr; Quintella, 2023). Foram detidas pessoas com faca, maçarico, cassetete, material para explosivo caseiro e bomba de gás lacrimogêneo. As fontes usadas são documentos da polícia, informações do Ministério da Justiça e análises de especialistas.

5.1.1.1.7 – Alvos controversos

Enquanto ocorriam as cenas de barbárie nos prédios dos três poderes em Brasília, grupos de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro ainda inconformados com o resultado das eleições já se preparavam para avançar para novos alvos, escolhidos para disseminar o caos dessa vez em meio à atividade econômica do país (Mendes; Quintino, 2023).

A descrição abre o texto da sétima e última reportagem desta edição que aborda as mobilizações daquele 8 de janeiro. Desta vez, os “bolsonaristas começaram a criar tumultos em torno das refinarias de petróleo do país” (Mendes; Quintino, 2023). A demanda era a mesma: colocar Bolsonaro novamente no poder.

A *Veja* cita uma pesquisa, feita em parceria com das universidades federais da Bahia e de Santa Catarina, que registrou um aumento de 7000% das “menções ao termo ‘refinaria’ em 439 canais e 228 grupos bolsonaristas no Telegram” (Mendes; Quintino, 2023). O alerta sobre os ataques foi avisado por sindicalistas ligados às empresas em risco de ataque. Diferente dos atos em Brasília, esse manteve a tensão por toda semana.

De acordo com a revista, a atuação dos militantes tinha como objetivo “estrangular o abastecimento de combustíveis”, que é estratégico para o funcionamento do país. Para a *Veja*, a mobilização acabou por tangenciar um tema crítico para o cenário político e econômico do país: as “colossais estrutura de processamento de petróleo”.

A partir deste momento, a revista adota uma narrativa sobre exemplos de má gestão envolvendo as refinarias em diferentes governos. Cita o processo de privatização dessas unidades e diz que, “até agora apenas três delas foram vendidas a empresas privadas e no que depender do atual governo esse número não deve aumentar”. A revista critica ainda a interrupção das privatizações e a estratégia do presidente Lula de construir mais refinarias.

[...] ainda que o governo viabilize os recursos para as obras — e elas se iniciassem nesse momento —, tais estruturas começariam a operar apenas no fim da década. Até lá, o setor energético estará em outro compasso, em meio à veloz transição que ocorre na economia global, rumo aos veículos elétricos (Mendes; Quintino, 2023).

As fontes presentes na reportagem são ligadas ao Centro Integrado de Comando e Controle (CICC) do Rio de Janeiro, a um laboratório de pesquisa universitária, Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), além de trazer falas de um membro do conselho da Petrobras e de um ex-diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP) – estes últimos identificados.

5.1.1.2 – Capa: Omissão e negligência

Figura 7 – Edição 2825 da *Veja*



Fonte: revista *Veja*.

A imagem de uma blusa com estampa camuflada na primeira página dá uma dica de qual será o assunto principal: a atuação dos militares. A matéria principal da edição mostra decisões dos órgãos de segurança relacionadas como os convenientes aos atos e sugere uma possível “conveniência” por parte das autoridades. A linha fina completa a informação:

mensagens obtidas pela *Veja* mostram que o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) avaliou que manifestação golpista não representava risco, dispensou reforço de soldados e não agiu para proteger o Palácio do Planalto da invasão (*Veja*, 2023).

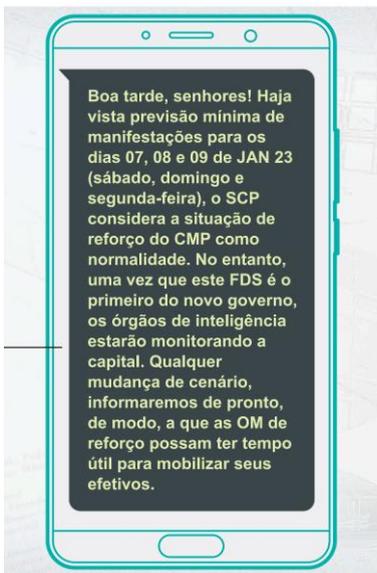
5.1.1.2.1 – A sombra da cumplicidade

A reportagem da capa explora os detalhes da invasão ao Palácio Planalto, com foco na atuação do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), além do papel dos militares nos atos na Praça dos Três Poderes. A revista teve acesso as mensagens – teoricamente inéditas – trocadas pelas autoridades de policiamento responsáveis pelo prédio. As conversas são referentes aos dias pré-manifestações e no próprio dia 8 de janeiro.

Na apresentação do conteúdo, a *Veja* optou por usar montagens que simulam as conversas em aplicativo. Segundo a revista, o “conjunto de mensagens revelam que houve no mínimo negligência, imprudência e omissão de autoridades lotadas”. A revista entende que as mensagens fornecem indícios de que o GSI foi negligente em não considerar os riscos de manifestações no momento de montar o efetivo de agentes para aquele fim de semana. As conversas mostram que o gabinete dispensou parte da tropa do Batalhão da Guarda Presidencial (BGP).

Durante a narrativa, fica evidente no texto da *Veja* que houve uma série de divergências nas decisões e rompimento de acordos relacionados ao plano de policiamento da área. Se de um lado os chefes do GSI dispensaram agentes, do outro o governo local – supostamente sem um acordo com a esfera federal – liberou o acesso à Esplanada.

Figura 8 – Mensagens sobre a logística de policiamento no Planalto do Planalto



Fonte: Imagem retirada da reportagem “A sombra da cumplicidade” da *Veja*.

A reportagem também cita que o jornal *Folha de São Paulo* descobriu que a Agência Brasileira de Inteligência (Abin), também vinculada ao GSI, produziu um relatório alertando sobre o risco iminente de ataques. A *Veja* traz ainda que *O Globo* teve acesso a um ofício da PF, enviado ao Ministério da Justiça, onde foi comunicado o deslocamento de grupos bolsonaristas em direção à Brasília. O documento aponta um suposto propósito de “promover ações hostis e danos”. “Ou seja, os dados coletados permitiam traçar vários cenários, exceto o de que estava tudo dentro da ‘normalidade’” (Mattos; Borges, 2023).

Para completar o quadro, é destacado na reportagem o fato que a PMDF acompanhou os manifestantes do Quartel-General do Exército até a Esplanada dos Ministérios – portanto, os agentes tinham uma dimensão da quantidade de pessoas e do clima presente na multidão. Além disso, foi o próprio governo local que, mesmo com os pedidos da gestão de Lula, não desmontou o acampamento mantido pelos bolsonaristas. O governador Ibaneis disse que a desmobilização não aconteceu porque os militares do QG impediram.

Outro ponto de atenção é o fato que os militares presentes no QG, apesar dos eventos registrados durante o dia, não permitiram a retirada dos militantes do acampamento no período da noite. O comportamento ia contra as ordens do presidente Lula e do interventor Ricardo Cappelli, designado para chefiar a intervenção federal na segurança pública na capital. A justificativa apresentada na época era de que poderia haver um “banho de sangue”. Lula foi convencido e a prisão dos acampados aconteceu na manhã seguinte. Sobre esse momento, a *Veja* inclusive afirma que Cappelli, ao chegar no local, se “deparou com veículos blindados cercando a área e não foi autorizado a entrar” (Mattos; Borges, 2023).

No dia seguinte, de acordo com a revista, o presidente estava “indignado e extremamente nervoso, cobrava respostas e dizia ter sido alvo de uma ação destinada a derrubá-lo” (Mattos; Borges, 2023). Depois, houve uma “tentativa de esvaziamento das atribuições” do GSI que, naquele momento, perdeu a função de cuidar da segurança presidencial, trabalho repassado temporariamente para a PF. “Até aqui, a relação entre o presidente e os militares não é boa”, completa a revista.

A reportagem anexa um texto extra que fala sobre a ruptura entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e as Forças Armadas. O suplemento diz que o conflito começou em 2012, com a instalação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), que investigou violações de direitos humanos no período da ditadura. Soma a esse problema o fato que o governo Bolsonaro tinha uma certa proximidade com os militares, de modo que os apoiadores do ex-presidente acreditavam no apoio das Forças Armadas resultaria na volta do ex-capitão à cadeira presidencial.

5.21.1.3 – Capa: O golpe no banco dos réus

Figura 9 – Edição 2838 da *Veja*



Fonte: revista *Veja*.

Esta edição traz uma imagem muito significativa na capa. Isso porque, ao fundo tem a silhueta do que seria a escultura da “Justiça” e na frente pessoas vestidas com a camiseta da seleção em referência aos militantes bolsonaristas. A estátua faz parte do patrimônio que foi vandalizada em 8 de janeiro. A revista traz um balanço das principais consequências imputadas aos envolvidos na invasão.

5.1.1.3.1 – O golpe passado a limpo

A maior reportagem sobre o 8 de janeiro publicada na versão impressa da *Veja* está nesta edição. “O golpe passado a limpo” reúne informações sobre o processo de responsabilização dos envolvidos nos atos do início de 2023.

A matéria, assinada por quatro jornalistas, traz detalhes sobre as prisões e os julgamentos da “turba de extremistas”. Assim como em outros textos desta cobertura, a revista faz questão de deixar explícito a sua definição sobre o evento: “um dos mais deprimentes episódios da história da República, com ataques às sedes dos Três Poderes, em tentativa de golpe contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva” (Dall’agnol *et al.*, 2023).

Pelo menos dez fontes diferentes foram usadas para construir a matéria. O texto inicia com a apresentação de Aécio Lúcio Costa Pereira. O funcionário da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) que fez parte da multidão responsável pela destruição em Brasília. Ele compõe o grupo de 251 pessoas que segue no cárcere.

O número de detidos, no entanto, é bem maior, cerca de 1390 pessoas. Parte do grupo, conseguiu converter a prisão em medidas mais brandas, como uso de tornozeleira eletrônica. A *Veja* explica que, em resumo, “aqueles que foram detidos no quartel-general dos manifestantes, em frente ao Exército (imputados com crimes mais “leves”), e os da Praça dos Três Poderes, que respondem a acusações mais graves” (Dall’agnol *et al.*, 2023).

Além desses inquéritos, a Advocacia-geral da União (AGU) ainda está cobrando dos autores e financiadores um ressarcimento no valor de R\$150 milhões. A *Veja* lembra ainda que “os estilhaços do quebra-quebra golpista podem ir ainda mais longe” (Dall’agnol *et al.*, 2023). Isso porque o ministro Alexandre de Moraes, do STF, determinou que Bolsonaro seja ouvido pela Polícia Federal no inquérito que apura os autores intelectuais do 8 de janeiro.

Para a revista, “o braço da lei não poderá alcançar mesmo apenas a turba que invadiu os palácios, porque o processo que desencadeou a barbárie é bem mais complexo” (Dall’agnol *et al.*, 2023). A *Veja* assume um claro posicionamento favorável às investigações e as condenações, o que é reforçado quando diz que “o principal lugar para passar a mensagem é exatamente o Judiciário, em especial o testado e resiliente Supremo Tribunal Federal” (Dall’agnol *et al.*, 2023). A referência está relacionada aos ataques que a Corte sofreu durante o governo do ex-presidente Bolsonaro.

A revista afirma que após “condenável episódio de janeiro”, às instituições brasileiras se mostraram fortes o que rendeu uma “demonstração de maturidade da elite política”. “Também serviu para deixar claro o amplo repúdio da sociedade a esse tipo de radicalização política, mesmo entre os partidários da direita democrática, que fizeram questão de se dissociar do delírio extremista que tomou Brasília”, completa (Dall’agnol *et al.*, 2023).

5.1.1.4 – O dia que ainda não acabou

A matéria, diferente da anterior, é mais curta e basicamente resgata o episódio registrado na noite do dia 8 de janeiro. Na data, o presidente ordenou a prisão de todas as pessoas que estavam no “acampamento golpista” em frente ao QG do Exército. Naquela noite, os militares atuaram para impedir a retirada dos acampados sob a justificativa que poderia haver um “banho de sangue”.

Na lista de problemas citados pela *Veja*, o presidente ainda enfrenta um relacionamento complicado com o ministro da Defesa e a queda do então chefe do GSI, o general Dias. Ele foi demitido após imagens divulgadas pela *CNN* mostrarem sua postura frente aos invasores do Palácio do Planalto. A revista entende que o governo Lula até “ganhou politicamente com o episódio num primeiro momento, ao unir o país em defesa da democracia, agora coleciona

contratempos” (Mattos, 2023).

5.1.2 *CartaCapital*

Foram cerca de oito matérias analisadas na *CartaCapital*, divididas em quatro edições. O conjunto de reportagens dá um panorama de como foram os eventos, os atores envolvidos e as principais consequências.

5.1.2.1 – Capa: Vítima de si mesmo

Figura 10 – Edição 1242 da *CartaCapital*



Fonte: revista *CartaCapital*.

A montagem de um peso amarrado ao mapa do Brasil estampa a primeira edição sobre o assunto na *CartaCapital*. O título sugere que o ataque foi interno, orquestrado pelo próprio povo. Na edição são explorados cinco ângulos de abordagens sobre o bolsonarismo, tendo como gancho as manifestações recentes.

A primeira fala sob um olhar retrospectivo, citando os principais pontos relacionados à “invasão”. Já a segunda traz uma anedota para mostrar os danos à imagem e ao patrimônio brasileiro. A terceira reportagem traz o líder dos bolsonaristas para o holofote. A mobilização das ruas rechaçando os ataques é o foco da quarta matéria. Por fim, para amarrar o assunto, a revista aborda como o governo Bolsonaro foi benéfico para a *Jovem Pan News*, e o declínio na prosperidade após as eleições de 2022.

5.1.2.1.1 O dia seguinte

A primeira reportagem adota dois caminhos para falar sobre o 8 de janeiro: possíveis responsáveis e ganho político de Lula. De acordo com a revista, este fortalecimento momentâneo do chefe do Executivo é consequência do apoio recebido dos presidentes da Câmara, do Senado e do STF, da reunião com os 27 governadores e de falas solidárias de autoridades internacionais em defesa do Estado democrático.

Com relação à manifestação e as consequências, são ressaltadas as prisões dos “arruaceiros”, o início das investigações – com a “caçada aos financiadores” – e ações judiciais da AGU. Porém, nem de longe estes são os temas mais explorados na reportagem. O protagonismo fica por conta de encontrar pessoas e decisões que permitiram a realização da “Festa da Selma” – código usado pelos “vândalos” para organizar os atos de janeiro.

Essa parte da narrativa inicia com a figura de George Washington de Oliveira Souza – homem que montou a bomba colocada em um caminhão de combustível próximo ao Aeroporto de Brasília e integrante do grupo que vandalizou a capital federal, ambos eventos ocorridos em dezembro – para mostrar como os defensores do ex-presidente acreditavam ter apoio dos militares para promover a ascensão de Bolsonaro com o uso da “intervenção das Forças Armadas”. Em parte essa visão era corroborada, conforme aponta a *CartaCapital*, pelo fato de que ninguém foi preso nos atos de dezembro, a manutenção dos acampamentos e a liberdade para organizar a manifestação “golpista”.

O texto reúne nomes de autoridades cuja “omissão dolosa” – termo usado pelo ministro Alexandre de Moraes – em gerenciar a segurança da capital resultou nos “atos terroristas”. A lista tem os nomes do governador Ibaneis Rocha, do então secretário de Segurança Pública do DF, Anderson Torres, e do chefe da PMDF, o coronel Fábio Vieira Augusto. Os dois últimos foram demitidos e presos, por decisão do ministro do STF

O nome de Anderson Torres é citado pelo menos 15 vezes nesta reportagem. Há uma série de questionamentos relacionados ao ex-secretário. Entre as dúvidas está o porquê do ex-ministro da Justiça de Bolsonaro ter sido escolhido para chefiar a pasta de segurança local – o delegado já havia desempenhado a mesma função no DF, no primeiro mandato de Ibaneis, antes de assumir o cargo no executivo federal. A *CartaCapital* diz que “havia gente intrigada com a nomeação”.

Ao assumir novamente a pasta distrital, Anderson reorganizou a secretaria o que “levou à degola de pessoas que haviam participado da montagem do esquema de segurança da posse de Lula” (Barrocal, 2023). Depois, Torres partiu de férias para os Estados Unidos e deixou Brasília sob os cuidados dos seus subordinados recém-empossados.

A liberação do acesso à Esplanada dos Ministérios na véspera do “fracassado golpe bolsonarista” é mais uma decisão de Ibaneis que é questionada. Até aquele momento havia sido acordado, junto ao governo federal, que a avenida ficaria fechada. Por coincidência, na semana seguinte às depredações, vazou um áudio em que a área de inteligência dizia ao governador que “não havia detectado ‘agressividade’” no comportamento dos manifestantes.

Outra dúvida levantada pela revista é como 100 ônibus entraram na cidade sem serem fiscalizados ou acompanhados pela polícia. Para completar o quadro, é citado um vídeo – publicado anonimamente nas redes sociais – em que o coronel Paulo Jorge Fernandes da Hora, militar do Exército lotado no GSI, aparece impedindo policiais de prenderem “invasores do Planalto”. A conclusão da matéria fica por conta de um trecho da fala do Lula a respeito da existência de pessoas convenientes com os atos na PMDF e as Forças Armadas.

Figura 11 – Trecho no qual o presidente Lula fala sobre os ataques de janeiro e a responsabilidade dos militares

No café com jornalistas, Lula comentou que ainda não conversou com todas as pessoas do governo, cujas áreas possam ter falhado no dia da insurreição. Está, afirmou, “esperando a poeira baixar”. Ainda pretende ver “todas as fitas que foram gravadas dentro da Suprema Corte, dentro da Câmara, dentro do Palácio do Planalto”, para tirar algumas conclusões. Mas de uma coisa ele já está certo: “Tem muita gente conivente. Tem muita gente da Polícia Militar conivente, tem muita gente das Forças Armadas conivente aqui dentro. Eu estou convencido de que a porta do Palácio do Planalto foi aberta, para que essa gente entrasse, porque não tem porta quebrada. Isso significa que alguém facilitou a entrada.

Cabeças vão rolar? •

Fonte: Trecho retirado da reportagem “O dia seguinte” da *CartaCapital*.

A maioria das fontes usadas na matéria são documentos policiais e judiciais, além mensagens, áudios, vídeos e fotos publicados nas redes sociais. O *Metrópoles* é o único veículo citado.

5.312.1.2 – A crise também é estética

Mais uma vez, um personagem bolsonarista abre a matéria. Desta vez, o recurso permite a roteirização do vídeo que registra a atuação de Dona Fátima, de 67 anos. A *CartaCapital*

destaca que “se não deu a própria vida para livrar o Brasil de Lula e do comunismo, a patriota entregou ao menos restos do corpo” (Lirio, 2023).

O ângulo escolhido para a matéria de uma página foi descrever, por meio de uma linguagem irônica e sarcástica, o que a revista definiu como “halloween em Brasília”. Os participantes, de acordo com a *CartaCapital*, são “boiadeiros, militares de hospício e de pijama, torcedores da seleção, *black blocs* aposentados e figurantes de filmes de zumbis” (Lirio, 2023). Os “seguranças privados da festa” eram policiais do DF e da Guarda Nacional.

A escolha das palavras e o detalhamento das atitudes dos envolvidos compõem um retrato do episódio que sujou a história brasileira. Na Suprema Corte, além de fazer cocô e xixi em diversos locais, os “cristãos” arrancaram a imagem de Cristo do plenário, removeram a porta do gabinete do ministro Alexandre de Moraes e alagaram o espaço. No Senado, “idosos em regressão brincavam de escorregador no tablado da mesa diretora”. Durante a “intentona dos brasileiros de bem”, ainda foram destruídas obras de arte e “desapareceram” presentes do acervo dos três Poderes da República.

Para ilustrar a situação, as fotos escolhidas mostram uma pintura alvo dos ataques e uma pessoa segurando a bandeira do Brasil, agachada e sem calça (figura 5). A *CartaCapital* conclui a matéria: “a crise é de inteligência, moral e social, mas também estética” (Lirio, 2023). Como o foco é a descrição, imagens e vídeos publicados na internet serviram de base para apuração e construção da narrativa.

Figura 12 – Imagem de um apoiador do ex-presidente Bolsonaro durante os ataques ao STF



Não satisfeita em apunhalar uma tela de DI Cavalcanti, a matilha bolsonarista marcou território no STF

Fonte: Imagem retirada da reportagem “Crise também é estética” da *CartaCapital*.

5.1.2.1.3 – Pela culatra

O foco central da matéria é a responsabilização de Bolsonaro. A linha fina revela que, após o “golpe fracassado”, o ex-presidente ficou “ainda mais isolado e suscetível à prisão”. A reportagem começa com uma aspas do presidente Lula, que a revista interpreta como uma indicação do ex-rival eleitoral como “responsável pelos atos de terrorismo praticados na invasão da Praça dos Três Poderes” (Thuswohl, 2023).

Ainda no primeiro parágrafo, é apresentado um resumo do que dizem as fontes: atores do meio jurídico e político entendem que o “atentado ao Estado Democrático de Direito ocorrido no domingo foi a gota d’água para que se leve Bolsonaro de uma vez por todas ao banco dos réus” (Thuswohl, 2023). O ex-presidente, de acordo com o jurista e professor Lenio Streck, “inoculou ódio em parte da população brasileira, incentivou os atos golpistas que atentaram contra a democracia”.

Além das avaliações de advogados e juízes, a matéria cita o início do processo para o criar a CPI no Senado, e a possibilidade de uma versão mista da comissão em conjunto aos deputados da Câmara. Mas, alerta que “qualquer responsabilização de Bolsonaro, entretanto, se tornará inócua”, caso o ex-presidente não retorne para o Brasil.

A *CartaCapital* resgata falas de deputados americano que defendem a extradição do político, e cita o apoio de Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, às instituições democráticas brasileiras. Mesmo assim, frisa que a situação migratória de Bolsonaro é incerta, sendo necessário esperar para ver se ele vai renovar o visto, pedir asilo ou voltar para o país.

A única fonte favorável a Bolsonaro é o filho dele, Flávio Bolsonaro. Em um pequeno trecho, a reportagem cita que o senador rotulou de “narrativa mentirosa” a ligação do pai com os “atos golpistas” e afirmou que o ex-presidente está “lambendo as feridas”.

5.1.2.1.4 – Sem anistia, nem trégua

Em duas páginas, a *CartaCapital* discorre sobre as mobilizações nas ruas como resposta aos “atos golpistas” de 8 de janeiro. Há uma clara defesa do uso de movimentos sociais para mostrar que “a sociedade civil permanece vigilante”, e a presença majoritária de entidades ligadas à esquerda como fonte.

Mesmo sem apresentar estimativas numéricas, a revista diz que “grandes atos tomaram as ruas do centro de Salvador e lotaram a Cinelândia, no Rio de Janeiro”, além da avenida paulista em São Paulo. Também foram registradas mobilizações em cidades no exterior, entre elas, Nova York e Paris, cujos objetivos era “chamar atenção da comunidade internacional para os crimes do bolsonarismo”.

A *CartaCapital* revela que por trás das “ações terroristas em Brasília, há um movimento bem-organizado, com força para financiar e promover as investidas” (Serafini, 2023). A revista aponta que empresários ruralistas fazem parte desse grupo de patrocinadores.

Para dar uma dimensão das manifestações contra os “atos terroristas” ocorridos em Brasília, a revista traz falas de deputados de esquerda, líderes do Movimento Sem Terra (MST), do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), da União Nacional dos Estudantes (UNE) e de Organizações não governamentais (ONGs). Além de pontuar que em prol da causa, até as torcidas organizadas de futebol “deixaram claro que, fora dos estádios, pretendem atuar de forma conjunta” (Serafini, 2023).

Importante pontuar a matéria também inicia com um personagem, o presidente Lula, que, para *CartaCapital*, “não teve sequer uma semana de sossego”. O texto reforça a ideia da edição de que, apesar do presidente ter recebido “apoio maciço de governadores e parlamentares”, ele não deve abaixar a guarda, pois “não há como debelar o fogo dos extremistas sem mobilizar as ruas” (Serafini, 2023).

5.1.2.1.5 – Mitômanos em pânico

Foram dedicadas duas páginas da revista para abordar como ocorreu a “delirante cobertura do motim bolsonarista” feita pela *Jovem Pan News*, além de trazer um histórico de posicionamentos polêmicos da emissora. O título traz a palavra mitômanos, que seria o hábito de mentir – habilidade que a revista acredita se aplicar a *Jovem Pan*. A *CartaCapital* deu destaque para as consequências financeiras e jurídicas sofridas pelo veículo nos últimos meses por causa da defesa das pautas da extrema direita.

A *Jovem Pan News* é alvo de um inquérito do Ministério Público Federal (MPF) que analisa a “conduta da rede de emissoras de rádio e tevê na disseminação de *fake news* e na incitação de atos” (Martins, 2023). A revista relembra que, durante o governo Bolsonaro, a emissora teve um aumento considerável de arrecadação, em parte pelo crescimento de público, em parte pelo aumento de verba recebida do governo federal.

Na esfera financeira, o baque foi a perda de patrocinadores após uma campanha de boicote iniciada pela *ONG Sleeping Giants*. Após serem cobradas publicamente por anunciar em um veículo que promovia desinformação e discurso antidemocrático, 19 marcas deixaram de anunciar no conglomerado de mídia.

Sobre a cobertura feita no dia 8 de janeiro pela *Jovem Pan News*, a *CartaCapital* destacou a fala de Paulo Figueiredo – neto do ditador João Baptista Figueiredo – que definiu como atitude de rebeldia e enfrentamento às autoridades “surdas ao clamor popular”. Outro

comentarista Fernando Capez disse que se tratava de “manifestações claramente pacíficas”, onde “um ou outro vândalos” se infiltraram.

A matéria cita medidas judiciais contra “à indústria da mentira” da emissora no período eleitoral de 2022. Após a vitória de Lula, foram demitidos os comentaristas Caio Coppola e Guilherme Fiúza. Na época, Paulo Machado de Carvalho, o dono da emissora, disse: “a desobediência civil não sairá do meu bolso”.

5.1.2.2 – Capa: Freio ao golpismo?

Figura 13 – Edição 1243 da *CartaCapital*



Fonte: revista *CartaCapital*.

Na abertura do editorial da revista, Mino Carta (2023) diz que “a imagem sombria na capa desta edição exprime as razões que sustentam o poder das Forças Armadas em um país como o Brasil”. A imagem diz respeito a um indivíduo de moletom e balaclava escuro e um gap militar na cabeça. A manchete da capa é complementada com o seguinte texto: “Fracassada a intentona apoiada pelos militares, Lula tem a chance de conter a prepotência fardada”.

Tanto na capa, quanto na linha fina da reportagem principal, a revista deixa claro a sua interpretação sobre o papel dos militares: “O levante de 8 de janeiro foi o desfecho de um complô alimentado por militares desde novembro” (*CartaCapital*, 2023).

Nesta publicação podemos encontrar duas matérias sobre os atos do início do ano. Todavia, o texto “*O golpismo vem do berço*” não foi analisado, porque tem como foco principal uma entrevista com o historiador Francisco Teixeira. O *corpus* dessa matéria só considera reportagens informativas.

5.1.2.2.1 – Omissões e conspiradores

A matéria aborda o papel dos militares, em especial do Exército, na “insurreição” de 8 de janeiro. De acordo com a *CartaCapital*, “são inúmeros os indícios de que integrantes das Forças Armadas foram fundamentais para o que Lula e Dino têm chamado de tentativa de golpe de Estado” (Barrocal, 2023). A revista afirma que, além de punições individuais dos militares envolvidos, as “Forças Armadas merecem no mínimo uma condenação política como instituição” (Barrocal, 2023).

Tendo como pano de fundo as manifestações de janeiro, a revista constrói uma narrativa sobre a atuação dos militares nos últimos meses. Vale lembrar que esse grupo foi beneficiado durante o governo Bolsonaro com um aumento de 70% na ocupação de cargos civis na administração pública. Além de serem alvo da expectativa dos apoiadores do ex-presidente para executar uma “intervenção fardada que revertesse o resultado das urnas”.

A reportagem reúne episódios em que ficou evidente a “insurgência fardada”. Um dos registros citados é o relatório preparado por oficiais do Exército sobre a suposta fraude nas urnas eletrônicas. “Documento ardiloso: não apontava fraude nem a descartava”, pontua a revista.

Acrescenta a essa discussão, um texto que circulou em grupo de aplicativos de mensagens – um dos principais ambientes de mobilização dos bolsonaristas – sobre uma suposta adesão do Alto-Comando do Exército à intervenção militar. O texto dizia que apenas cinco oficiais eram contra. “Significa que os outros 11 integrantes do colegiado topavam”, infere a *CartaCapital*.

Sem uma repressão efetiva, apoiadores do ex-presidente mantinham firme as mobilizações, seja em protestos, seja em acampamentos montados em frente às instalações do Exército. A revista lembra que durante os preparativos para posse de Lula, ficou acordado entre a equipe de transição e o governo local que ocorreria a retirada dos acampados em frente ao QG em Brasília. Em 29 de dezembro, no entanto, “o Exército não permitiu” a ação da PM.

Duas semanas depois, a operação retorna ao acampamento após as destruições na Praça dos Três Poderes. Desta vez, o pedido de desmobilização tinha como base uma decisão do ministro Alexandre de Moraes e de um ordem direta do presidente Lula. Mesmo assim, novamente a ação foi impedida. Desta vez, a resistência contava com o suporte de tanques de

guerra posicionados próximos ao local. Lula suspeitava, segundo a revista, que os blindados “estavam lá mais para proteger o acampamento do que Brasília”.

Ainda na noite de domingo, o petista recebeu um telefonema de um general que disse: “Presidente, é muito perigoso entrar de noite no acampamento, tem muita gente, pode acontecer uma desgraça” (Barrocal, 2023). Convencido, Lula decidiu adiar a retirada e prisão dos 2 mil “vândalos” para a manhã do dia seguinte.

A *CartaCapital* cita um vídeo onde supostos acampados dizem ter recebido ajuda de militares para sair do espaço antes da operação. Para a revista, “os acampamentos eram a ponta visível de um grande complô alimentado por militares”.

Se não houve golpe, foi porque, reconheça-se, havia alguns fardados legalistas (por “convicção” ou “por medo” da pecha de golpista e das repercussões internacionais, mas legalistas (Barrocal, 2023).

A reportagem tem ainda uma curta entrevista com o ministro da Justiça, Flávio Dino. No texto, é destacada a afirmação do ministro de que os acampamentos foram “o maior erro político da história das Forças Armadas brasileiras”. Também é ressaltado um trecho da decisão de Alexandre de Moraes no qual diz que o local “estava infestado de terroristas”.

No meio da reportagem é feito um questionamento ao leitor: como reagir?. Essa questão se refere às possíveis ações disciplinares contra os militares envolvidos. Mais pra frente no texto, é citado que uma das medidas imediatas adotadas foi a desmilitarização do Palácio do Planalto, com “demissões aos montes”.

5.2.3.3 - Capa: Faísca

Figura 14 – Edição 1247 da *CartaCapital*



Fonte: revista *CartaCapital*.

O assunto principal da edição não são as manifestações. Porém, por causa do layout da revista, a capa costuma ter mais de um assunto. No caso do tema foco desta análise: a pauta é “o cerco aos financiadores do fracassado golpe de 8 de janeiro” (*CartaCapital*, 2023).

5.2.3.3.1 - O cerco se fecha

Essa reportagem – diferente das demais analisadas – é a primeira da *CartaCapital* que adotou uma construção de texto mais parecida com as matérias encontradas em jornais. Em uma análise rápida, é possível indicar que até mesmo o primeiro parágrafo parece se encaixar nos critérios da pirâmide invertida. Em relação ao conteúdo, as ideias mais polêmicas foram limitadas às fontes.

Em resumo, a reportagem reúne as principais medidas adotadas para responsabilizar os envolvidos no “levante golpista” de 8 de janeiro. A ação civil pública protocolada pela Advocacia-Geral da União serviu como gancho para resgatar o “tema de longa duração”. Vale lembrar que esta edição foi lançada cinco semanas depois da primeira capa sobre os “atos terroristas”. Isto é, já havia um desdobramento acerca da punição dos envolvidos.

Na ação, a AGU pediu o ressarcimento no valor de R\$20,7 milhões referente aos prejuízos contabilizados após a passagem da manifestação bolsonarista na Praça dos Três Poderes em janeiro. Os alvos do processo administrativo são os supostos financiadores dos atos. Foram indicados como culpados 54 pessoas, três empresas, um sindicato e uma associação – rastreados por meio de panfletos convocando a mobilização e as placas dos ônibus que trouxeram os grupos de apoiadores do ex-presidente para a capital.

Uma das informações mais curiosa apresentada pela *CartaCapital* é de que Anderson Torres havia sido avisado sobre a iminente invasão, “mesmo assim, não montou um planejamento operacional capaz de conter os manifestantes”. Essa conclusão faz parte do relatório produzido pelo jornalista Ricardo Cappelli, interventor federal da Segurança Pública do DF.

Na esfera criminal, existem sete inquéritos no STF. O número de denunciados passa de 600 indivíduos, dentre eles, três deputados federais. Também há expectativa de que sejam abertos inquéritos no STM. Mesmo que ocorra a abertura, a “acusação lá não será de golpe, querem colocar no âmbito de indisciplina”, afirmou um especialista ouvido pela reportagem.

No Ministério da Justiça está “em curso a Operação Lesa-Pátria, que não tem prazo para acabar e promete investigar com rigor todos os envolvidos”. Já na Polícia Federal foram criadas três frentes de investigação: a primeira voltada aos incitadores e aos “terroristas”, a segunda

olha para “omissão” da polícia militar em “evitar os atos de vandalismo”, a terceira tenta descobrir quem são os “mentores intelectuais”, e a quarta foca em rastrear os financiadores.

A título de registro, foram utilizadas como fonte uma apuração da *Folha de São Paulo*, documentos de processos judiciais, falas de um político e análises de especialistas.

5.2.3.4 - Capa: Brasil profundo

Figura 15 – Edição 1257 da *CartaCapital*



Fonte: revista *CartaCapital*.

A imagem estampada na capa é a de um bueiro com a tampa ao lado. Logo embaixo, na linha fina, vem o resumo do que será tratado: “o bueiro do golpismo, da prepotência e da ignorância continua aberto” (*CartaCapital*, 2023).

5.2.3.4.1 - A céu aberto

Em uma reportagem repleta de detalhes, a *CartaCapital* mergulha no impasse entre Lula e as Forças Armadas. Os entraves são encontrados principalmente nas pautas relacionadas ao GSI. Após os ataques terroristas do início do ano, houve um esvaziamento das funções do Órgão, incluindo a desvinculação da Agência Brasileira de Inteligência (Abin). Segundo a revista, a Abin é “uma das armas mais poderosas do feudo militar no Planalto”. A *CartaCapital* entende que “a bolsonarização dos quartéis foi a razão para o petista não querer sua vida nas mãos de milicos”.

Também é abordado na reportagem o recuo do governo em relação à CPI dos Atos Golpistas. Inicialmente, Lula era contra e defendeu que o processo “tiraria o foco do essencial, a economia”. Porém, após a *CNN* exibir imagens em que o general Dias – então chefe do GSI – aparece na porta do gabinete presidencial diante de alguns “invasores”, o presidente mudou de ideia. Para o Planalto, foi “algum militar do próprio GSI, composto de 900 funcionários”, que vazou o vídeo.

Com a mudança de estratégia, o governo intensificou as negociações para conseguir dominar a comissão. Do outro lado, “a extrema-direita quer convencer a população de que os distúrbios de janeiro foram culpa do governo”. O que o ministro Flávio Dino define como “alucinação”. Para a *CartaCapital*, “a manobra bolsonarista na CPI está ameaçada de dar com os burros n’água. As digitais do general Augusto Heleno e de Anderson Torres estão espalhadas por todos os cantos”.

Sobre o ex-secretário do DF, a reportagem destaca a suposta “existência de depoimentos e indícios de participação de Torres no levante de 8 de janeiro e em seus preparativos”. O texto relembra a atuação do delegado na operação da Polícia Rodoviária Federal (PRF) que atrapalhou o trânsito de eleitores no pleito de 2022. Tendo em vista o arsenal de informações que Anderson dispõe, a *CartaCapital* questiona: “Torres vai se tornar um delator?”.

A título de registro, como assunto adjacente, é citado a ida de Bolsonaro à PF para prestar depoimento sobre o envolvimento com a “insurreição de seus fiéis” no início do ano. O ex-presidente foi incluído na investigação após postar, dois dias após a manifestação, um vídeo “com questionamentos à lisura da eleição”. De acordo com a revista, o ministro Alexandre Moraes “enxerga ‘evidente conexão’ entre o 8 de janeiro e aquilo que se viu de mentiras e autoritarismo no governo anterior”.

Além do vídeo exibido pela *CNN*, a reportagem usa como fonte políticos, processo judiciais, informações de bastidores e dados do DataFolha, do Quaest e da Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec).

5.2 Eixos temáticos

Tendo como norte os aspectos definidos para compor os eixos temáticos (ET), somados aos apontados da descrição narrativa e da bibliografia, podemos chegar a algumas conclusões. Para facilitar a organização, serão apresentados em subtítulos organizados por ET.

Tabela 2 – Classificação das reportagens por eixos temáticos

REPORTAGEM	ET1	ET2	ET3	ET4	ET5	ET6
8 de janeiro de 2023	X			X		
Caça aos culpados		X	X			X
O sujeito oculto	X		X			X
Por trás da baderna	X					X
Terrorismo nas redes	X	X				X
Criminosos em ação	X			X		X
Alvos controversos	X					
A sombra da cumplicidade		X	X			X
O golpe passado a limpo	X					X
O dia que não acabou			X		X	X
O dia seguinte	X	X	X	X	X	X
A crise também é estética	X			X		
Pela culatra	X					X
Nem anistia nem trégua					X	X
Mitômanos em pânico	X					X
Omissos e conspiradores	X	X	X			X
O cerco se fecha	X	X	X			X
A céu aberto	X	X	X			X

Fonte: Dados registrados após análise descritiva das reportagens da *Veja* e *CartaCapital*.

5.2.1 – Eixo temático 1: Relação entre Bolsonaro, militantes e atos antidemocráticos

A atuação de Jair Messias Bolsonaro na sua carreira política – seja no parlamento ou na presidência da República – evidencia a apologia ao intervencionismo militar e o ataque às instituições democráticas (Barbosa, 2023). Essas pautas, por mais estranhas que pareçam para a população geral, eram (e talvez ainda sejam) defendidas pelos apoiadores do ex-presidente.

Para Barbosa (2023), esse grupo é marcado pelo ativismo político direcionado, na maioria das vezes, para organização e realização de protestos e na “luta midiática de compartilhamento de imagens, vídeos, falsas notícias (*fake news*)”.

Para o bolsonarismo, sempre há um culpado pelos percalços em que se vive, mas não há uma autocrítica. O mal sempre está lá fora e no outro, a não ser quando houver uma abertura do grupo a tal ponto que os fatos do real se mostrem mais fortes do que a fantasia imaginária coletiva, e o movimento assim saia da lógica cognitiva da negação para a elaboração (Hur, 2023, p.180).

Para Hur (2023), “na lógica cognitiva bolsonarista, dicotômica, só há bem e mal”. Com essa base de divisão do pensamento surge a figura do “bode expiatório” que está associada a um imperativo psíquico de primeiro localizar e depois combater esse mal”. Durante o governo, o ministro Alexandre de Moraes e outras autoridades rivais do presidente Bolsonaro são alvos desse grupo. Com a vitória nas eleições de 2022, Lula passou a integrar a lista de inimigos número um do bolsonarismo.

Essa visão de antagonismo entre Bolsonaro e o ministro Alexandre de Moraes está presente inclusive na cobertura da imprensa. Na matéria “*Caça aos culpados*”, a *Veja* destaca que o “algoz” de Bolsonaro atuou de prontidão quando soube dos “atos golpistas”, e determinou o afastamento de Ibaneis, e a prisão de Torres e do chefe da PM, Fábio Vieira” (*Veja*, 2023).

A respeito da mesma decisão, a *CartaCapital* definiu como “corajosa” a atitude do magistrado, na matéria “*Sem anistia, nem tregua*”. Já na reportagem “O dia seguinte”, a revista destacou o fato de Moraes nunca ter sido apaziguador nos processos relacionados ao ex-presidente.

Para além dos ataques a autoridades, o bolsonarismo também conseguiu estabelecer uma rede de mobilização tão conectada que, mesmo após o fim do governo, o grupo seguiu atuando. Nas reportagens analisadas é dado destaque aos acampamentos, ao atentado a bomba e aos atos de vandalismo ocorridos em Brasília no fim de 2022.

Hur (2023, p.181) defende que o ex-presidente é apenas a caixa de ressonância desse movimento, e que “o bolsonarismo é prévio a seu líder, na realidade é o líder que é colocado neste lugar pela multidão marcada pelo ressentimento e pelo niilismo”. Se para o autor o político é apenas uma figura descartável, para os veículos de imprensa, Bolsonaro tem um papel importante na construção do pensamento que visa a tomada de poder. A *Veja* e a *CartaCapital* dedicaram pelo menos uma matéria para falar sobre o Messias e a relação com as manifestações de janeiro.

Na reportagem “O sujeito oculto”, a *Veja* pontua que embora repetisse a mesma “ladainha de que sempre jogou ‘dentro das quatro linhas da Constituição’, o capitão contribuiu

com sua postura para que parte de seus apoiadores defendessem um golpe”. A *CartaCapital* afirmou, na matéria “Pela culatra”, que a “responsabilidade política do ex-presidente pelo atentado é evidente, mas é preciso também identificar sua responsabilidade jurídica”.

Esse eixo temático agrupa 14 reportagens, das 18 matérias que compõem o *corpus*. Na avaliação foram consideradas registros nos textos em que aparece as descrições dos militantes bolsonaristas e momentos nos quais Bolsonaro e seus apoiadores ajudaram a inflar o sentimento antidemocrático.

5.2.2 – Eixo temático 2: Atuação do governo distrital

Em relação ao papel do governo Distrito Federal na manifestação de 8 de janeiro, os dois veículos têm posicionamentos parecidos de que foi uma atitude estranha a liberação do acesso à Esplanada dos Ministérios. “A proibição de pessoas entrarem na Esplanada foi revertida por Ibaneis no sábado à noite. Por volta das 22 horas, ele disse ao site *Metrópoles* que estavam liberadas manifestações ‘pacíficas’ no local”, aponta a *CartaCapital* na matéria “O dia seguinte”.

Na mesma reportagem, a *CartaCapital* acentua uma crítica com relação à escolha de Anderson Torres para comandar a pasta da segurança. Segundo a revista, “aliados do governador sopravam a jornalistas que a PF estava no encalço dele por ordem de Torres”.

Para a *Veja*, o “estranhismo” em relação ao ex-secretário está relacionado a um documento em que era definida uma medida que “permitiria ao governo intervir no TSE, alvo de pesadas críticas de Jair Bolsonaro”. O trecho faz parte do texto “Caça aos culpados”.

Sobre o trabalho da PMDF, a cobertura se divide entre críticas e ponderações. Isso porque houve militares que tiveram uma atuação de defesa das instituições, assim como agentes que não fizeram nada. Enquanto na matéria “A crise também é estética”, a *CartaCapital* ironiza a atuação das PM e os define como “seguranças privados da festa”. Na reportagem “O dia seguinte”, na mesma edição, o julgamento ganha outros contornos, por causa de um vídeo que mostra um militar do Exército impedindo “a PM de prender os invasores do Planalto”.

Os trabalhos do governador do DF, do ex-secretário de Segurança e da PMDF estiveram presentes em sete reportagens analisadas, sendo que quatro eram textos da *CartaCapital*.

5.2.3 – Eixo temático 3: Papel dos militares

O comportamento dos militares no dia 8 de janeiro de 2023 é visto por duas perspectivas, ambas negativas. Uma é o envolvimento com os acampamentos, tendo até uma atitude de

proteção desses locais, a outra é a falha no policiamento do Palácio do Planalto. Os dois temas foram abordados em pelo menos oito reportagens do *corpus*, inclusive o tema estampou a capa da edição de 25 de janeiro das duas revistas.

Na *Veja*, a primeira página da edição 2825 vem com uma tarja vermelha escrito “exclusivo” e logo abaixo o título “Omissão e negligência”. A matéria traz na linha fina a opinião da revista: “Gabinete Institucional da Presidência avaliou que a manifestação golpista não representava risco, dispensou reforço da guarda e não agiu para proteger o Palácio do Planalto de invasão” (*Veja*, 2023).

Na *CartaCapital*, o título é parecido: “Omissos e conspiradores”. Porém, o texto encaminha no sentido de mostrar que o “levante de 8 de janeiro foi o desfecho de um complot alimentado por militares desde novembro”.

Ao comparar as matérias, fica evidente que existem pautas em comum, todavia, ao longo dos textos são defendidas diferentes alternativas para lidar com as Forças Armadas. A *Veja segue* a linha de que Bolsonaro será beneficiado caso o presidente Lula siga atacando os militares. A revista também lembra que o governo do PT tem um relacionamento conturbado com esse setor, por causa das comissões que analisam os casos da ditadura.

Apesar de suas queixas, o presidente tem tentado estreitar laços com a cúpula das Forças Armadas. Ele pediu aos comandantes que apresentem os projetos prioritários de suas respectivas corporações e prometeu defendê-los. Lula aposta que assim reduzirá o foco de tensão, o que é fundamental para trazer paz — inclusive institucional — ao país. Esclarecer o que se passou no Palácio do Planalto no dia 8 de janeiro de 2023 também será essencial para o sucesso desse esforço (Turollo Jr; Quintellae, 2023, p.71).

Para a *CartaCapital*, as Forças Armadas protagonizaram uma série de episódios que ajudaram no surgimento do que viria a ser o “golpe fracassado”. Entre os episódios citados está a divulgação de um relatório a respeito das urnas eletrônicas. Vale lembrar que, na época, o Bolsonaro já tinha perdido a eleição e os seus apoiadores bloquearam estradas. Ao fechar a matéria “Omissos e conspiradores” — mesmo nome da capa —, a *CartaCapital* defende a condenação política das Forças Armadas como instituição.

5.2.4 – Eixo temático 4: Danos

Para Vilas Boas (1996), a tonalidade permite um maior envolvimento com o evento. “Na revista, o tom é uma escolha prévia da linguagem (humor, tragédia, drama, tensão, etc)” (Vilas Boas, 1996, p.14). Seguindo à risca a orientação do autor, as revistas usaram esse recurso para descrever os detalhes da destruição, que esteve presente em seis textos do *corpus*. O

detalhamento dos danos foi assunto principal de pelo menos uma reportagem em cada veículo.

Sobre os danos causados no Palácio do Planalto, a *Veja* descreveu a atuação dos “criminosos” como se fosse uma reconstituição de uma cena. “Arrombaram as salas, arremessaram objetos, usaram as mangueiras de incêndio para inundar o piso, rasgaram fotografias, perfuraram quadros, quebraram esculturas, abriram armários e furtaram equipamentos”. Essa descrição faz parte da matéria “Brasília, 8 de janeiro de 2023”, da *Veja*.

A *CartaCapital* comparou os “atos de vandalismo” com os eventos registrados na invasão do Capitólio americano, em 2021. Porém, ressaltou que nos Estados Unidos pessoas morreram pela causa, já no Brasil as “baixas foram de outra natureza”. “Mutilaram um quadro de Di Cavalcanti, sequestraram uma escultura de Brecheret e desapareceram com presentes de autoridades estrangeiras e coleções de artefatos que compunham os acervos do Congresso, do Planalto e do Supremo”, conforme reportagem “A crise também é estética” (Lirio, 2023, p.19).

5.2.5 – Eixo temático 5: Fortalecimento da gestão Lula

O fortalecimento do presidente Lula é um tema abordado em duas matérias da *CartaCapital*, e uma reportagem da *Veja*. Para as revistas, Lula saiu fortalecido porque foi capaz de reunir apoio de todos os governadores, dos presidentes dos Três Poderes e por receber apoio de autoridades internacionais, entres eles, o presidente dos Estados Unidos.

5.2.6 – Eixo temático 6: Consequências e resposta aos ataques

As medidas adotadas para punir os envolvidos na invasão dos prédios públicos em janeiro, é sem sombra de dúvida, o assunto mais presente nas reportagens analisadas, com 15 registros. Essas consequências fazem referência às prisões dos manifestantes, de Anderson Torres e do chefe da PMDF, ao afastamento do governador Ibaneis, ao esvaziamento das funções do GSI, às investigações nas CPIs ou nos Órgãos policiais, e claro, aos julgamentos.

Nas duas últimas edições analisadas por esta pesquisa, o avanço na responsabilização é o gancho para retomada do assunto. A reportagem “A céu aberto”, a *CartaCapital* fala das consequências do evento a partir da CPI dos Atos Golpistas da Câmara dos Deputados. O assunto central serve como base para abordar a responsabilização de Bolsonaro, do ex-secretário de Segurança do DF e dos militares do GSI, além de mostrar as estratégias que o bolsonarismo adotou para tentar “manipular a CPI”.

Na matéria “O golpe passado a limpo”, veiculada em 26 de abril pela *Veja*, o foco são os julgamentos no Supremo. Foram dedicadas 19 páginas para a reportagem que foi apurada por quatro jornalistas. Um dos fragmentos do texto que mostra o posicionamento da revista diz que o levante de 8 de janeiro “também serviu para deixar claro o amplo repúdio da sociedade a esse tipo de radicalização política, mesmo entre os partidários da direita democrática, que fizeram questão de se dissociar do delírio extremista que tomou Brasília” (Dall’agnol *et al.*, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Constituição Federal garante a livre manifestação de pensamento, mas alerta que, ao usufruir desse direito, o cidadão não deve defender “processos de subversão da ordem política”. Apesar dessa orientação presente no Documento Máximo do país, pessoas que se autointitulam patriotas invadiram e depredaram os prédios dos Três Poderes, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023. O grupo, composto por apoiadores do ex-chefe de Estado Jair Messias Bolsonaro, defendia a intervenção das Forças Armadas e exigia a saída do presidente recém-empossado, Luiz Inácio Lula da Silva.

Visto a dimensão do evento, este trabalho buscou entender como os veículos jornalísticos fizeram a cobertura dos atos. Foram selecionadas reportagens da *Veja* e da *CartaCapital* para coleta de dados, por serem revistas com forte presença na cobertura política e na circulação de tiragens a nível nacional. Ao escolher os veículos, havia uma expectativa de que seria encontrado um conteúdo cuja “moral da história” nas reportagens fossem diferentes. No entanto, percebeu-se uma certa similaridade nas narrativas. Ambas interpretaram o acontecimento como resultado de uma escalada de tensões iniciada por Bolsonaro e que ganhou espaço nos grupos da extrema direita. Esse movimento tinha como cerne a pauta antidemocrática e a defesa dos militares.

A ideia de que as narrativas seriam divergentes foi formada após a leitura de um trabalho acerca da cobertura destas mesmas revistas sobre o julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. No caso do estudo da pesquisadora Vanderléia Valéria Melo ficou evidente o antagonismo, no qual a *Veja* era favorável ao processo e a *CartaCapital* contra a destituição da então chefe de Estado.

Nesta pesquisa, porém, houve uma certa convergência de opinião nas reportagens acerca da cobertura analisada. Uma conclusão possível é que a manifestação bolsonarista de janeiro de 2023, que defendia a tomada de poder pelos militares e a volta de Bolsonaro à cadeira presidencial, reacendeu a preocupação sobre a volta de uma ditadura. O regime de exceção do Brasil censurou a imprensa, além de prender, tortura e assassinar quem era contra ao sistema. As semelhanças podem ter sido um gatilho.

Outra interpretação possível é que os veículos perceberam que o bolsonarismo não era apenas um movimento fragmentado que se limitava a bravar pautas de costumes enquanto seguia o líder, mas sim um grupo organizado que contava com financiadores e apoio dos militares, além de ter a capacidade de atuação dentro e fora da internet. Graças às reportagens foi possível confirmar a teoria dos autores citados no capítulo 1 de que essas pessoas

acreditavam fielmente em suas pautas a ponto de destruir (e registrar na internet) os prédios dos Três Poderes com a certeza de uma impunidade.

É interessante observar que as duas revistas condenaram a ação dos militantes – da PMDF e das Forças Armadas – especialmente por permitirem a permanência dos acampamentos localizados próximos às unidades do Exército. Um diferencial desta cobertura foi o uso, pela *Veja* e pela *CartaCapital*, de palavras e expressões com significados negativos ao se referir aos envolvidos ou ao episódio. Essa atitude mostra que houve uma reflexão e escolha do tom que seria usado ao noticiar aquele fato. E que aquele acontecimento deveria ser rechaçado.

Uma similaridade na cobertura das revistas foi a representação do ex-presidente Bolsonaro como líder intelectual do movimento, sendo publicada pelo menos uma reportagem – em cada veículo – dedicada a relacionar o papel do político e a manifestação bolsonarista do início do ano. Houve ainda o detalhamento do que foi destruído, de modo a deixar registrado na história a dimensão do ataque e como a atuação dos manifestantes naquele 8 de janeiro de 2023.

Outra constante nas reportagens foi a menção ao ex-secretário de Segurança do DF, Anderson Torres. Mesmo que o governador do DF tenha sido o responsável por liberar o acesso à Esplanada dos Ministérios, coube ao ex-gestor assumir o maior pedaço da culpa do governo local. Essa narrativa recorrente na *Veja* e na *CartaCapital* talvez seja uma consequência da ligação de Torres com Bolsonaro, visto que ele foi ministro da Justiça no governo do ex-chefe de Estado, ou talvez por ser uma autoridade mais frágil no sentido de perder o cargo e ser retirado do poder. As férias dele no mesmo país que o ex-presidente e a sua nomeação como secretário somente após a posse de Ibaneis foram fatos reforçados em diversas matérias dos dois veículos.

Para as revistas, a lista de culpados não ficou limitada às autoridades governamentais, a *CartaCapital* acrescentou a atuação da *Jovem Pan* nos últimos anos como essencial para amplificar as ideias de ataque às bases da democracia brasileira. No mesmo sentido, a *Veja* trouxe os nomes de políticos e de influenciadores digitais que ajudam a inflar o discurso golpista. Essa atitude é interessante porque mostra mais um ângulo em comum usado pelas duas revistas para abordar o assunto de modo a fugir do factual – apesar do conteúdo das reportagens terem sido diferentes, o gancho principal é o mesmo.

Assim como outras pesquisas, esta teve suas limitações. Foram feitas análise de apenas reportagens informativas, deixando de lado os editoriais e charges que poderiam ser usados para identificar melhor a linha editorial do veículo. Também foram retirados do *corpus* entrevistas e matérias que só citavam os atos. Esse filtro limitou a análise das narrativas de modo que não foi

possível mensurar como o assunto era relacionado às outras pautas veiculadas na publicação. Ao considerar apenas edições com o tema na capa, deixou-se de registrar os pequenos desdobramentos que não “ganharam” o destaque da primeira página.

Sobre a metodologia, acredita-se que foi uma escolha acertada usar a análise de conteúdo neste trabalho, especialmente as técnicas sistematizadas pela Bardin. Todavia, para uma investigação mais completa no futuro, seria interessante aplicar a AC junto com a análise do discurso. Essa estratégia pode proporcionar reflexões mais ligadas às questões ideológicas por trás do bolsonarismo e dos discursos de ódio, além de observar mais atentamente a cobertura do jornalismo sobre a atuação da extrema direita.

Apesar desses pontos de atenção e destas considerações em uma outra pesquisa, espera-se que os dados e os apontamentos deste estudo contribuam para uma reflexão sobre as diferentes possibilidades de narrar um mesmo evento. Entende-se que este trabalho conseguiu atender ao objetivo de identificar as principais narrativas adotadas pelos veículos acerca dos atos de vandalismo registrados em 8 de janeiro. Também alcançou o propósito de contabilizar a produção de reportagens e as estratégias para retomar o meta-acontecimento.

REFERÊNCIAS

8 DE JANEIRO: Moraes vota para condenar mais oito réus por atos golpistas. *g1*. 10 out. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/10/13/8-de-janeiro-moraes-vota-para-condenar-mais-oito-reus-por-atos-golpistas.ghtml>>. Acesso em: 14 out. 2023.

ALMEIDA, Vitor Pereira de.; RODRIGUES, Cecília.; FELZ, Jorge Carlos. **Análise do conteúdo jornalístico da revista *Carta Capital***. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII, 2015, Rio de Janeiro. Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo.

AMADO, Guilherme; BARRETO, Eduardo. **Vídeo: bolsonaristas fazem cocô e xixi em sala do STF em ato terrorista**. *Metrópoles*. 8 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/video-bolsonaristas-evacuam-e-urinam-em-sala-do-stf-em-ato-terrorista>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. **Jornalismo de revista: um olhar complexo**. *RuMoRes*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 257-274, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58942>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BARBOSA, Daniela dos Santos. **A construção do fato noticioso na reportagem: do jornal para a revista**. 2020. 128 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Bolsonarismo, mitos e mitologias políticas: direita radical e a apologia à intervenção militar**. In: BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Extremismos políticos e direitas: Bolsonaro, Trump e a crise das “democracias”*. [S. l.]: Faculdade de Filosofia e Ciências, 2022. p. 35-68. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-227-7>>. p. 35-68. Acesso em: 2 out. 2023.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROCAL, André. **A céu aberto**. *CartaCapital*. São Paulo. 3 de maio. de 2023. Capa.

BARROCAL, André. **O dia seguinte**. *CartaCapital*. São Paulo. 18 de jan. de 2023. Capa.

BARROCAL, André. **Omissos e conspiradores**. *CartaCapital*. São Paulo. 25 de jan. de 2023. Capa.

BEHNKE, Emily. **Bolsonaro pede fim do bloqueio das rodovias**. Poder360. 2 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-pede-fim-do-bloqueio-das-rodovias/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SWAAB, Reges (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p.42-55. ISBN 978-85-65848-39-8.

BISSIATI, Edson Lugatti Silva. **Religião E Política No Brasil: O Populismo Religioso De Direita Em Jair Bolsonaro**. Revista Neiba, Cadernos Argentina Brasil, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e68096, 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/neiba/article/view/68096>>. Acesso em: 3 out. 2023.

BOFF, Felipe. **Muito além do editorial: a revista e suas opiniões**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p.185-198. ISBN 978-85-65848-39-8.

BOLSONARISTAS copiam Ku Klux Klan em ato contra STF. Congresso em Foco. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaristas-copiam-klu-klux-klan-em-ato-contr-stf-Veja-o-video/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

BOLSONARO demorou 6 horas para se manifestar sobre atos no DF. Poder360. 8 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-demorou-6-horas-para-se-manifestar-sobre-atos-no-df/>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

BOLSONARO é o 38º presidente do Brasil. Câmara dos Deputados. 1 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/550393-bolsonaro-e-o-38o-presidente-do-brasil/>>. Acesso em: 18 out. 2023.

BOLSONARO, Jair Messias. X. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1612242019564548097>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BORGES, Laryssa. **8 de janeiro**. *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Brasil.

CALGARO, Fernanda. **Bloqueios bolsonaristas: quais são as penas previstas para interdição de rodovias.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/noticia/2022/11/01/bloqueios-bolsonaristas-quais-sao-as-penas-previstas-para-interdicao-de-rodovias.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAMAZANO, Priscila; MARRA, Lívia. **Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos.** Folha de S.P., 7 fev. 2023. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>>. Acesso em: 11 set. 2023.

CAMPOS, Ana Maria Campos. **Bolsonaristas soltam fogos em direção ao STF e ameaçam: 'Entenderam o recado?'**. Estado de Minas, 14 jun. 2020. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/06/14/interna_politica,1156453/bolsonaristas-soltam-fogos-direcao-stf-ameacam-entenderam-o-recado.shtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAMPOS, João Pedroso. **Sara Winter é presa pela PF em Brasília.** *Veja*, 2020. 15 jun.

2020. Disponível em: <<https://Veja.abril.com.br/politica/bolsonarista-sara-winter-e-presa-pela-pf-em-brasilia>>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAMPOS, João Pedroso; DALL'AGNOL, Laísa. **Por trás da baderna.** *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Brasil.

CAMPOS, João Pedroso; DALL'AGNOL, Laísa. **Por trás da baderna.** *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Brasil.

CAPA Folha de São Paulo. FSP. 9 jan. 2023.

CAPAS de jornais do mundo destacam ataques a Brasília. g1. 9 jan de 2023; *Veja*.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/09/capas-dos-jornais-internacionais-destacam-ataques-a-brasilia.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

CASSELLA, Vinícius *et la*. Relatório da CPI diz que 8 de janeiro foi 'obra do bolsonarismo' e 'ainda não terminou'; leia trechos. g1. 17 out. 2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/10/17/relatorio-da-cpi-diz-que-8-de-janeiro-foi-obra-do-bolsonarismo-e-ainda-nao-terminou-leia-trechos.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

CERQUEIRA, Carolina; MOLITERNO, Danilo. **Disputa entre Lula e Bolsonaro é a eleição para presidente mais acirrada da história.** CNN Brasil. 30 out. 2022 Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

CERVI, Emerson Urizzi. **Quando o discurso social de direita encontra políticos demagogos e instituições democráticas enfraquecidas: o caso do extremismo brasileiro.** Más poder local, n. 50, p. 108-123, 2022.

CHIODI, Alessander Dugno; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. **A ameaça antidemocrática como instrumento de barganha no governo Jair Bolsonaro (2019 2021).** Revista Uruguaya de Ciência Política, v. 32, n. 1, 31 maio 2023. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-499X2023000100129>. Acesso em: 3 out. 2023.

COMPROVA, Projeto. **Saiba o que é comprovado e o que é falso sobre a facada em Bolsonaro em 2018.** Estadão. 16 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/facada-bolsonaro-comprova-explica/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

COUTO, Cláudio Golçalves. **O Brasil de Bolsonaro: Uma democracia sob estresse.** **Cadernos Gestão Pública e Cidadania.** São Paulo, v. 28, p. e89859 , 2023. DOI: 10.12660/cgpc.v28.89859. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cgpc/article/view/89859>. Acesso em: 13 out. 2023.

CPI DOS Atos Antidemocráticos fará primeira reunião na próxima terça. Câmara Legislativa do Distrito Federal. 18 fev. 2022 Disponível em: <<https://www.cl.df.gov.br/-/cpi-dos-atos-antidemocraticos-fara-primeira-reuniao-na-proxima-terca-14-as-10-horas>>. Acesso em: 11 set. 2023

CRIADA a CPI mista para investigar o ataque às sedes dos três Poderes em 8 de janeiro. Agência Câmara dos Deputados. 26 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/964947-cpi-mista-do-8-de-janeiro-sera-instalada-nesta-quinta-feira/#:~:text=O%20colegiado%20foi%20criado%20no,do%20Distrito%20Federal%20Ander son%20Torres>..> Acesso em: 11 set. 2023.

DALL'AGNOL, Laryssa *et la*, **O golpe passado a limpo**. *Veja*. São Paulo, 26, abr. de 2023. Brasil.

DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente: Nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 312 p. ISBN 978-65-5921-112-8.

ENTENDA como acampamentos golpistas montados depois da eleição resultaram em atos de violência e terrorismo em Brasília. g1. 30 dez. 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/30/entenda-acampamentos-bolsonaristas-violencia-terrorismo.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

FALCÃO, Márcio; LOREDO, Sthefanny. **PM detona suposto artefato explosivo achado em caminhão na área do Aeroporto de Brasília**. g1. 24 dez. 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/24/pm-detona-suposto-artefato-explosivo-achado-em-caminhao-na-area-do-aeroporto-de-brasilia.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

FERRARETTO, Luiz Artur *et al*. **O jeito Jovem Pan de (não) fazer jornalismo: os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023**. In: Anais do 32º Encontro Anual da Compós, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2023. Disponível em:

<<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/o-jeito-jovem-pan-de-nao-fazer-jornalismo-os-atos-antidemocraticos-de-8-de-janeiri?lang=pt-br>>. Acesso em: 02 out. 2023.

FERRAZ, Matheus. **Das 40 propostas enviadas pelo governo Bolsonaro, apenas seis foram aprovadas no 1º semestre**. *Gazeta Zero Hora*. 2 ago. 2019. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/08/das-40-propostas-enviadas-pelo-governo-bolsonaro-apenas-seis-foram-aprovadas-no-1o-semester-cjyutpzq001f101pnbe5k2w17.html>>. Acesso em: 15 out. 2023.

FRANÇA, Renné Oliveira. **Revista e referentes: a pensata na construção do mundo de cada publicação**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p. 91-104. ISBN 978-85-65848-39-8

FURTADO, Thaís. O aprofundamento como caminho da reportagem de revista. *In*: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p.145-156. ISBN 978-85-65848-39-8.

GALF, Renata. **O que foi o 7 de Setembro bolsonarista? Cientistas políticos apontam intenções do ato e suas consequências**. Folha de São Paulo. 22 set. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/o-que-foi-o-7-de-setembro-bolsonarista-cientistas-politicos-apontam-intencoes-do-ato-e-suas-consequencias.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

GULLINO, Daniel; DANTAS, Dimitrius. **Bolsonaro diz que Forças Armadas são 'poder moderador' e que lhe dão 'apoio total'**. O Globo. 12 ago. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-que-forcas-armadas-sao-poder-moderador-que-lhe-dao-apoio-total-1-25152878>>. Acesso em: 15 out. 2023.

HUR, Domenico Uhng. **A negação como estratégia psicopolítica: o caso do bolsonarismo**. Araripe — revista de filosofia -, v. 4, n. 1, p. 166-184, 29 ago. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.56837/araripe.2023.v4.n1.1151>>. Acesso em: 2 out. 2023.

IMPRESA internacional repercute postura de Bolsonaro diante da pandemia de coronavírus. g1. 30 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/30/imprensa-internacional-repercute-postura-de-bolsonaro-diante-da-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

ISTOÉ Publicações. **"NÃO estupro porque você não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário**. 9 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>>. Acesso em: 20 out. 2023.

JAIR Bolsonaro é eleito presidente do Brasil. Senado Notícias. 28 nov. 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-do-brasil>>. Acesso em: 15 out. 2023.

JUSTIÇA arquiva ação de Maria do Rosário contra Bolsonaro. Poder 360. 25 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/justica/justica-arquiva-acao-de-maria-do-rosario-contra-bolsonaro/>>. Acesso em: 19 out. 2023.

JUSTIÇA condena mais um envolvido no caso da bomba deixada perto do Aeroporto de Brasília na véspera do Natal de 2022. g1, 28 ago. 2023 Disponível em:

<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/18/justica-condena-mais-um-envolvido-no-caso-da-bomba-deixada-perto-do-aeroporto-de-brasilia-na-vespera-do-natal-de-2022.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

KARNOPP, Laerte Radtke; VERNES-PINTO, Rodrigo da Silva. **Movimentos antidemocráticos de janeiro de 2023 em Brasília: o direito entre soluções mediadas pela repressão e pela educação.** in: "Visioni LatinoAmericane 29 (2023)", EUT Edizioni Università di Trieste, Trieste, 2023, pp. 46-65.

LANGBECKER, Andrea.; CASTELLANOS, Marcelo; CATALAN-MATAMOROS, Daniel. **O que os valores-notícia podem nos dizer sobre o Sistema Único de Saúde? Explorando aportes teórico-conceituais da noticiabilidade.** Interface. Botucatu (SP). 2019.

LEIA a íntegra do pronunciamento de Fux sobre as manifestações antidemocráticas. g1, 8 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/08/veja-a-integra-do-pronunciamento-de-fux-sobre-as-manifestacoes-antidemocraticas.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

LIRIO, Sérgio. **A crise também é estética.** *CartaCapital*. São Paulo. 18 de jan. de 2023. Capa.

MAGRI, Diogo; BECHARA, Victoria. **Terrorismo nas redes.** *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Brasil.

MAIORIA dos jornais e revistas do Brasil opera no digital. Associação Nacional de Jornais. Brasília. 2022. Disponível em: <<https://www.anj.org.br/maioria-dos-jornais-e-revistas-do-brasil-opera-no-digital/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

MARTINS, Rodrigo. **Mitômanos em pânico.** *CartaCapital*. São Paulo. 18 de jan. de 2023. Capa.

MATTOS, Marcela. **Caça aos culpados.** *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Brasil.

MATTOS, Marcela. **O dia que ainda não acabou.** *Veja*. São Paulo, 26, abr. de 2023. Brasil.

MATTOS, Marcela; BORGES, Laryssa. **A sombra da cumplicidade**. *Veja*. São Paulo, 25, jan. de 2023. Brasil.

MELO, Vanderléia Valéria. **Abordagens das revistas *Veja* e *Carta Capital* sobre o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. 2019**. 218 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019.

MENDES, Felipe; QUINTINO, Larissa. **Alvos controverso**. *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Economia.

MENDONÇA, Fabíola. **O cerco se fecha**. *CartaCapital*. São Paulo. 22 de fev. de 2023. Seu país.

MINO, Carta. **Memórias**, Brasília. Câmara dos Deputados, 8 de fevereiro de 2004. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/425972-mino-carta/>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

'NÃO TENTO AGRADAR', diz Bolsonaro, o deputado federal mais votado no RJ. g1. 6 out. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/eleicoes/2014/noticia/2014/10/nao-tento-agradar-diz-bolsonaro-o-deputado-federal-mais-votado-no-rj.html>>. Acesso em: 18 out. 2023.

NELSON, Traquina. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2005. 216 p. ISBN 85-7474-245-7.

NOIA, Julia. **Manifestantes da extrema direita explodiram e ficaram mais violentas no pós-eleições, mostra levantamento**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/09/25/atos-da-extrema-direita-explodiram-e-ficaram-mais-violentos-no-pos-eleicoes-mostra-levantamento.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

O ASSUNTO: punição de militares por atos contra democracia. Entrevistada: Francisco Carlos Teixeira da Silva. Entrevistadora: Natuza Nery. g1, 27 set. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/43P3dOERv81n3YC0BZIZtd>. Acesso em: 14 out. 2023.

OLIVEIRA, Joana. **O ‘bolsonarismo puro’ testa sua força em manifestações de rua pela primeira vez.** El país. 26 maio 2019. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/24/politica/1558724882_630332.html. Acesso em: 15 out. 2023.

PEREIRA, Daniel. **O sujeito oculto.** *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Brasil.

PGR apresenta proposta de acordos de não persecução penal a mais 25 acusados de incitação aos atos antidemocráticos. Agência da Procuradoria-Geral da República. 2 de out. 2023. Disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr2/2023/pgr-apresenta-proposta-de-acordos-de-nao-persecucao-penal-a-mais-25-acusados-de-incitacao-aos-atos-antidemocraticos>>. Acesso em: 14 out. 2023.

PROTESTOS pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos. g1. 21 jun. 2013. Disponível em: <<https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>>. Acesso em: 17 out. 2023.

RELATÓRIO da CPI diz que 8 de janeiro foi 'obra do bolsonarismo' e 'ainda não terminou'; leia trechos. g1. 10 out. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/10/17/relatorio-da-cpi-diz-que-8-de-janeiro-foi-obra-do-bolsonarismo-e-ainda-nao-terminou-leia-trechos.ghtml>>. Acesso em: 17 out. 2023.

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

RETRATO NARRADO. Apresentadora: Carol Pires. Revista Piauí, 2020. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/4jqpeAOzOKCLBg3Pc0eZ6j>>. Acesso em: 14 out. 2023.

RODRIGUES, Thais. **10 mentiras que Bolsonaro falou sobre as urnas para defender o voto impresso - Congresso em Foco.** Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/10-mentiras-que-bolsonaro-falou-sobre-as-urnas-para-defender-o-voto-impresso/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011. ISBN 978-85-7244-244-2.

SCHARGEL, Sergio. **O que resta do Bolsonarismo**. Orbis - Boletim Trimestral do LEPEB/UFF , v. 1, n. 1, p. 5-8, 17 abr. 2023.

SCHWAAB, Reges. **Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; _____. (org.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p. 56-73. ISBN 978-85-65848-39-8.

SEIXAS, Lia. **Valores-notícia: uma proposta de análise**. Revista Observatório , [S. l.], v. 4, n. 4, p. 334–366, 2018. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5505>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SERRAFINI, Mariana. **Nem anistia nem trégua**. *CartaCapital*. São Paulo. 18 de jan. de 2023. Capa.

SILVA, Emanuel; LOPES, Monalisa. **“Acabou, porra!”: Jair Bolsonaro e a retórica do populismo autoritário**. Tensões Mundiais, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 125–149, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/4502>>. Acesso em: 4 out. 2023.

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas**. Novos Estudos - CEBRAP, n. 97, p. 23–40, nov. 2013. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/6WV7TBcKVrbZDdb7Y8mFVZp#>>. Acesso em: 4 dez. 2023

SPECHOTO, Caio; HAUBERT, Mariana. **Câmara enterra voto impresso e derrota Jair Bolsonaro**. 10 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/camara-enterra-voto-impresso-e-derrota-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 15 out. 2023.

STF começa a julgar denúncias por atos golpistas. *Congresso em Foco*. 13 ago. 2023. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/justica/stf-comeca-a-julgar-denuncias-por-atos-golpistas/>>. Acesso em: 14 out. 2023.

STORCH, Laura. **Revista e leitura: sujeitos em interação**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (org.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p.130-143. ISBN 978-85-65848-39-8.

TAVARES, Frederico de Mello **Revista e identidade editorial: mutações e construções de si e de um mesmo**. In: _____; SCHWAAB, Reges. (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p. 74-90. ISBN 978-85-65848-39-8.

TAVARES, Frederico de Mello.; SCHWAAB, Reges. **Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos**. In: _____. (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p. 15-24. ISBN 978-85-65848-39-8.

TERRORISMO em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram

Planalto, Congresso e STF. G1. 8 jan. 2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml>>. Acesso em: 11 set. 2023.

THUSWOHL, Maurício. **Pela culatra**. *CartaCapital*. São Paulo. 18 de jan. de 2023. Capa..

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005. ISBN 85-7474-245-7.

TUROLLO JR, Reynaldo, QUINTELLA, Sérgio. **Criminosos em ação**. *Veja*. São Paulo, 18, jan. de 2023. Brasil.

VILAS BOAS, S. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. **Polícia Federal abre inquérito sobre atuação de milícia digital contra a democracia**. g1, 2021. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/16/pf-abre-inquerito-sobre-atuacao-de-milicia-digital-contra-a-democracia.ghtml>>. Acesso em: 15 out. 2023.

VIVAS, Fernanda; RODRIGUES, Matheus. **STF condena 1º réu por atos golpistas a 17 anos por tentativa de golpe de Estado e mais 4 crimes**. g1. 14 set. 2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/14/stf-forma-maioria-para-condenar-1o-reu-dos-atos-golpistas-por-ao-menos-dois-crimes-julgamento-continua.ghtml>>. Acesso em: 14 out. 2023.

VOGEL, Daisi. **Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre -RS: Penso Editora Ltda, 2013. p. 25-41. ISBN 978-85-65848-39-8.

WINCH, Rafael Rangel; MOSER, Magali; IJUIIM, Jorge Kanehide. **A reportagem em revista como espaço de acionamento da empatia**. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [S. l.]*, v. 21, n. 45, 2022. DOI: 10.5902/2175497765504. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/65504>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ANEXOS

Anexo A – Capa do jornal Folha de S.Paulo da edição de 9 de janeiro de 2023

FOLHA DE S.PAULO

SEXTA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 2023

Golpistas pró-Bolsonaro invadem o Planalto, o Supremo e o Congresso

« INVAÇÃO DE FORÇAS E AUTORIDADES LOCAIS FACILITA AÇÃO DE EXTREMISTAS » « LULA DECRETA INTERVENÇÃO NA SEGURANÇA DO DF E DE QUE CULPADOS RESPONDERÃO » « DESTRUIÇÃO É INEDITA

INVAÇÃO DE FORÇAS
Forças militares invadem o Planalto e o Supremo Tribunal Federal em Brasília. O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

INVAÇÃO DE FORÇAS
Forças militares invadem o Planalto e o Supremo Tribunal Federal em Brasília. O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

INVAÇÃO DE FORÇAS
Forças militares invadem o Planalto e o Supremo Tribunal Federal em Brasília. O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Defesa do Indústrio
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Constituintes
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Supremo
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Embrulho
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Panhalo de idiotas
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.



66
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Adidas a Bismarck
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Desjo de cantar, mas não po no par de trabalhar
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Mural de 18
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.



66
O presidente Lula decretou intervenção na segurança do Distrito Federal e de outros estados. O presidente Bolsonaro afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo. O presidente Lula afirmou que os militares invadiram o Planalto e o Supremo.

Anexo B – Capas da *Veja* no período de 16 semanasAnexo C – Edições da *Veja* selecionadas para análise

Edição 2824



Edição 2825



Edição 2838

